



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO

TATIANA TARGINO ALVES BANDEIRA

CRENÇAS SOBRE INVESTIMENTO PARENTAL

Rio de Janeiro

Junho/2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO

TATIANA TARGINO ALVES BANDEIRA

CRENÇAS SOBRE INVESTIMENTO PARENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Lucia Seidl-de-Moura

Rio de Janeiro

Junho/2009

Dedicatória

As minhas duas anjinhas, Célia e Ivone, que tanto me incentivaram e que eu sei que continuam torcendo por mim.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me dar forças para que eu conseguisse cumprir mais uma etapa da minha vida.

A minha querida mãe Nádia, que mesmo nos momentos mais difíceis nunca deixou de me incentivar fazendo de tudo para que eu pudesse concluir este trabalho. Obrigada pelo apoio e por seu amor, sem os quais eu não teria conseguido.

Ao meu amado marido John por ser tão compreensivo entendendo as minhas preocupações e aceitando a minha ausência. Seu carinho e companheirismo foram fundamentais.

Ao meu querido vô Léo por torcer e acreditar que tudo daria certo.

A minha estimada orientadora Maria Lucia Seidl de Moura pela dedicação, incentivo e amizade. Agradeço pelos valiosos ensinamentos e por tornar possível a realização desse trabalho.

As companheiras Aline, Carla, Dandara, Deise, Edilaine, Gabriela, Luana, Luciana, Renata, Susana, Simone e Tânia e ao companheiro Rafael por tornar a convivência nesse grupo de pesquisa tão agradável e produtiva. Cada um de vocês contribuiu de alguma forma para o término dessa etapa. Muito Obrigada!

A Luciana pela ajuda com a fidedignidade.

A todos os amigos que ajudaram na indicação de participantes e na coleta de dados.

Ao colega Altay pela ajuda nas análises estatísticas.

A todos os pais e mães participantes pela disponibilidade e paciência em contribuir para a realização desse estudo.

Resumo

A abordagem adotada nesse estudo é a psicologia evolucionista do desenvolvimento, cujo objetivo é investigar a forma como a história filogenética reflete-se no desenvolvimento ontogenético, adotando uma visão interacionista entre biologia e cultura. Segundo essa perspectiva, é importante para os genitores investir nos seus filhos para que eles sobrevivam e aumentem as chances de um maior sucesso reprodutivo por parte dos pais. No entanto, homens e mulheres geralmente não investem na prole da mesma forma. Embora esse investimento seja um comportamento adaptativo, a forma como ele é realizado irá variar de acordo com o contexto. Por isso, é difícil pesquisar investimento parental sem saber o que as pessoas do contexto estudado pensam sobre isso, ou seja, as crenças que eles têm sobre esse assunto. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é investigar o que pais e mães do Estado do Rio de Janeiro consideram como investimento parental e o que eles dizem fazer para investir em seus filhos. Participaram da pesquisa 50 homens e 50 mulheres que tinham pelo menos um filho até seis anos e eram maiores de 18 anos. Foi aplicado um questionário que continha quatro perguntas abertas e um inventário com atividades que poderiam estar relacionadas ao investimento parental, buscando investigar o que eles acreditam que seja investir nos filhos e o que eles dizem fazer em relação a isso. As respostas foram analisadas de acordo com seis categorias criadas posteriormente a coleta. São elas: Investimento financeiro, emocional, cuidados básicos, intelectual, social_espiritual e familiar-individual. ANOVAS foram realizadas para investigar as diferenças entre os sexos e teste *t* para verificar diferenças significativas entre crenças e relato de práticas. Para cada item do inventário, foram feitas ANOVAS comparando as respostas dos dois grupos (mães e pais). Pai e mãe valorizam e dizem realizar mais o investimento emocional. No geral, mães parecem investir mais que os pais, principalmente em relação aos cuidados básicos, embora eles estejam preocupados com essa questão, talvez até um pouco mais que elas. É possível que exista uma tendência dos homens investirem mais em seus filhos, do que era esperado tradicionalmente. Foram observadas algumas incongruências entre as crenças e as práticas relatadas, confirmando a relação não linear entre elas. Pais e mães concordam que o investimento nos filhos é algo para toda a vida. Este trabalho pode contribuir para o estudo das crenças e do investimento parental, principalmente em relação aos pais, que muitas vezes são preteridos nessas pesquisas.

Palavras-chave: investimento parental, crenças parentais, psicologia evolucionista.

Abstract

Developmental evolutionary psychology is the approach adopted in this study. This perspective aims to investigating how the phylogenetic history of our species influences the ontogenetic development. The interaction between biology and culture is one of the assumptions. According to this approach, it is important that parents invest in their children in order for them to survive and that the chances of the reproductive success of the parents increase. This investment is an adaptative behavior, however, men and women do not invest in the same way and investment differs also according to context. It is difficult to investigate parental investment without knowing what this means for parents in specific contexts. This study aims to investigate beliefs and practices of fathers and mothers - from the State of Rio de Janeiro - about parental investment. The participants were 50 men and 50 women older than 18 years old who had at least one child, younger than seven years old. They answered a questionnaire of beliefs about parental investment, consisting of four questions, and a inventory with activities about parental investment. The answers were recorded and analyzed by the author. According to the answers obtained, six categories were created: Financial investment, emotional investment, basic care, intellectual investment, social_spiritual and individual_familiar investment. ANOVAS were performed to investigate differences between the two groups and *t* test were done to compare differences between what they believe to be important to do and what they say they actually do. For each item of the inventory, ANOVAS were also performed, comparing the answers of the two groups (fathers and mothers). Fathers and mothers believe that investment emotional is the most important, and they also reported to do this investment most frequently. In general, mothers seem to invest more than fathers, mainly in relation to basic care. However, men are worried with this question, maybe more than the group of women. It is possible that there is a tendency of the men studied to invest more in their offspring than what was expected traditionally. Some incongruence between beliefs and practices were observed, confirming the non linear relation between those two aspects. Mothers and fathers agree that investment in their children is for as long as they live. This study can contribute to psychological investigations on parental investment and the role of beliefs in this process, focusing not only in mothers, but also the fathers.

Key-words: parental investment, parental beliefs, evolutionary psychology.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	08
1. PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA.....	11
2. INVESTIMENTO PARENTAL E SELEÇÃO SEXUAL	19
3. CRENÇAS PARENTAIS.....	34
4. MÉTODO.....	44
4.1. Participantes.....	44
4.2. Questões éticas.....	45
4.3. Instrumentos.....	45
4.4. Procedimentos.....	47
4.5 Análise de dados.....	48
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
Anexo 1.....	92
Anexo 2.....	93
Anexo 3.....	100
Anexo 4.....	102

Apresentação

O interesse em estudar investimento parental surgiu pela participação no grupo de pesquisa Interação social e desenvolvimento, coordenado pela Professora Maria Lucia Seidl-de-Moura, do qual faço parte há seis anos. Atualmente o grupo está finalizando a pesquisa *Investimento e cuidado parentais: aspectos biológicos, ecológicos e culturais*, onde foram estudadas mães de seis Estados do Brasil, sendo que em cada Estado metade das mães viviam em capitais e a outra metade em pequenas cidades. Esta pesquisa é orientada pela psicologia evolucionista do desenvolvimento de viés interacionista, ou seja, tenta-se compreender os cuidados que os pais têm em relação aos seus filhos considerando fatores culturais e os necessários fatores biológicos e ecológicos (Seidl-de-Moura, 2006).

No entanto, ainda na graduação, o meu interesse sobre as questões da parentalidade não se limitava às mães, pois desejava conhecer mais sobre o papel do pai na vida da criança. Motivada por isso, comecei a estudar mais sobre paternidade e realizei minha monografia de conclusão da graduação fazendo uma comparação entre pais e mães sobre as metas de socialização que ambos teriam para o futuro de seus filhos. Paternidade foi um tema que gostei muito de estudar e por isso desejei continuar trabalhando com ele, sendo que agora investigando outros aspectos.

Ingressei no mestrado tendo o projeto de pesquisar os modos de investimento parental de pais e mães em ambiente urbano e rural, do Estado do Rio de Janeiro, que seria uma extensão da pesquisa da qual faço parte. Esta tinha algumas hipóteses, como por exemplo, em relação à carreira reprodutiva da mulher estar relacionada à disponibilidade de recursos ambientais. Acreditava-se que em ambientes com poucos recursos, as mães tenderiam a apresentar uma estratégia reprodutiva mais quantitativa, que se caracteriza por ter a menarca mais cedo, início da vida sexual precoce, maior número de parceiros, primeiro filho cedo, menor espaçamento entre os nascimentos e baixo investimento nos filhos. Por outro lado, em condições de abundância de recursos, a relação seria inversa, com um atraso na menarca, o início da vida sexual mais tardio, assim como o primeiro filho, maior espaço entre os nascimentos e um maior investimento e cuidado com a prole. Resumindo, essas mães teriam uma estratégia reprodutiva qualitativa. A partir dessa hipótese, pensei em separar as mães em

dois grupos, um composto por mulheres com estratégia quantitativa e outro com estratégia qualitativa e tentar caracterizar o investimento delas nos seus filhos. Observaria também como são os parceiros que essas mulheres escolheram, o que os caracteriza e analisaria os modos de investimento deles, além de sua estratégia reprodutiva.

No entanto, com essa primeira idéia planejada, descobri através dos questionários que já haviam sido aplicados nas mães, que não havia mulheres com estratégia reprodutiva nitidamente quantitativa. Em cem mães foram encontrados, no máximo, quatro filhos, sendo duas mães de contexto urbano e duas de contexto rural. Com isso, percebi que não seria possível desenvolver essa idéia. Pensei então, em analisar diferenças e semelhanças entre pais e mães de contextos urbano e rural em relação ao investimento parental. No entanto, através de algumas análises preliminares com as respostas das mães dos dois contextos, percebemos que não havia muitas diferenças significativas entre elas. As questões sobre investimento parental estavam muito ligadas à sobrevivência da criança, por exemplo, tempo de amamentação, vacinas tomadas, visita regular ao pediatra, etc. No geral, as mães responderam essas perguntas demonstrando um alto investimento nos seus filhos. Sendo assim, também não seria muito relevante estudar esses aspectos.

O fato de não ter encontrado grande diferença entre os contextos pode ser explicado pela questão cultural que teria de certa forma, nivelado as pessoas em relação à esses aspectos analisados sobre investimento parental, onde muitas pressões sociais levariam os pais a investirem na sua prole. Como exemplo podemos citar as ostensivas campanhas de vacinação, a valorização que a mídia faz sobre a amamentação e o pré-natal, entre outras. Com isso, percebi que embora o investimento nos filhos seja um comportamento adaptativo, encontrado na maioria das espécies de animais, não significa que ele será realizado da mesma forma em todos os lugares, pois a forma como os pais criam seus filhos está muito relacionada ao contexto cultural no qual estão inseridos.

Portanto, comecei a hipotetizar que, para estudar investimento parental é importante também saber o que as pessoas do contexto pesquisado pensam sobre isso e que atitudes consideram como tal. Seria preciso saber o que isso significa para uma determinada população, para depois tentar analisar se elas investem ou não em sua prole, ou seja, se elas

colocam em prática aquilo que pensam. Baseado nisso, decidi investigar as crenças que pais e mães do contexto urbano tinham sobre investimento parental e, além disso, o que eles efetivamente dizem fazer para investir em seus filhos.

Nesse sentido, minha dissertação tem o objetivo de tentar contribuir um pouco para a literatura referente ao investimento parental em seus aspectos biológicos e culturais. Para estudar a inter-relação entre esses dois conceitos, os fundamentos da psicologia evolucionista se tornam necessários e por isso o primeiro capítulo desse trabalho é dedicado a fazer uma apresentação das idéias básicas da psicologia evolucionista demonstrando sua pertinência como fundamentação teórica para a execução do presente trabalho. No segundo capítulo é abordado o tema em questão, investimento parental, e sua relação com a Teoria da seleção sexual, demonstrando as diferenças de cuidado de pais e mães e descrevendo pesquisas que demonstram essa divergência. O terceiro capítulo discorre um pouco sobre as crenças parentais, enfocando a sua importância para os objetivos do estudo. Posteriormente é relatada a metodologia adotada e por fim são apresentados e discutidos os resultados, seguidos das considerações finais.

Psicologia evolucionista

Mesmo sendo consideradas importantes, as idéias e princípios da teoria da evolução das espécies não tinham afetado significativamente a psicologia até pouco tempo atrás. Foi a partir do final da década de 1980 com o avanço da biotecnologia, da neurociência e das pesquisas na área genética que propiciaram uma maior aceitação no estudo das bases biológicas do comportamento humano, que se observa essa influência mais direta. Novas disciplinas que se baseavam nos pressupostos da teoria da evolução foram surgindo, entre elas a psicologia evolucionista (PE) (Yamamoto, 2009), fundada por Leda Cosmides e John Tooby.

Essa abordagem tem como foco os mecanismos psicológicos evoluídos, acreditando que eles são resultados de uma adaptação ocorrida no ambiente ancestral, o qual seria conhecido como Ambiente de Adaptação Evolutiva (AAE) (Yamamoto, 2009). Ela busca investigar a forma como a história filogenética reflete no desenvolvimento ontogenético do ser humano, ou seja, ela ajuda a compreendê-lo tendo um olhar que vai além da sua existência (Vieira & Prado, 2004).

De acordo com essa perspectiva, a mente humana é vista com sendo resultado da seleção natural e ao se avaliar certos comportamentos da espécie humana, deve-se pensar que sua mente é produto dessa seleção. Ela foi moldada para resolver os problemas adaptativos que seus ancestrais caçadores-coletores, habitantes das savanas africanas se deparavam no dia-a-dia. Os problemas adaptativos são, por definição, aqueles cuja solução afeta a reprodução e que tenham sido recorrentes ao longo da história evolutiva, como caçar animais, coletar vegetais, encontrar parceiros reprodutivos, criar filhos, entre outros. Naturalmente que na atualidade o ser humano resolve problemas que não existiam no seu passado ancestral, como usar o computador e dirigir carros, por exemplo. Essa habilidade é explicada como sendo um efeito secundário ou um subproduto dos circuitos neurais que foram programados para solucionar os problemas do passado, mas é possível perceber em alguns comportamentos essa força ancestral da mente humana. Um exemplo é a maior facilidade em lidar com pequenos grupos, do que com multidões, já que os caçadores-coletores viviam em pequenos bandos (Cosmides & Tooby, 1999).

Esse ambiente de seleção natural ou AAE é referente às condições ambientais que possibilitaram aos indivíduos que sofreram mutação (ou recombinação) inicial e as gerações seguintes, deixar mais descendentes até que toda a população apresentasse a mesma característica fenotípica. Isso significa que os humanos apresentam algumas características porque elas foram selecionadas ao longo do período evolutivo, o que não significa que necessariamente elas serão funcionais na atualidade, pois o ambiente atual é muito diferente do AAE. Por exemplo, herdamos de nosso passado ancestral a preferência por alimentos gordurosos e calóricos. Na época esse tipo de alimentação era necessário, pois não havia alimento disponível a toda hora e com isso era preciso que houvesse reservas no organismo para suportar longos períodos sem comida. No entanto, atualmente isso não acontece, mas ainda assim preferimos ingerir alimentos gordurosos aos saudáveis. Isso pode causar um grande aumento de peso e trazer problemas para a saúde (Izar, 2009), podendo até mesmo tornar o indivíduo menos atraente e conseqüentemente diminuir as chances de seu sucesso reprodutivo.

Considera-se na PE que há uma continuidade filogenética entre os humanos e os outros animais e por isso defende-se o estudo do comportamento animal para a compreensão do ser humano (Vieira & Prado, 2004). Essa valorização do comportamento animal demonstra a influência da Etologia nessa abordagem. Izar (2009) retoma os quatro níveis de análises propostos por Tinbergen, um dos fundadores dessa ciência, acreditando que eles devem ser sempre considerados quando se adota qualquer abordagem com princípios evolucionistas aplicados ao comportamento humano. Esta autora defende que é importante procurar entender 1) as causas imediatas do comportamento; 2) a ontogênese do comportamento, ou seja, os fatores que propiciaram o seu desenvolvimento no decorrer da vida do indivíduo; 3) a sua história evolutiva e 4) a função daquele comportamento, tentando identificar em que ele aumenta a capacidade reprodutiva e de sobrevivência do indivíduo. Com isso Izar reafirma a importância do estudo da filogênese para se entender a função de certos comportamentos e características humanas.

A idéia dessa análise comparativa não é criar um único modelo que represente todas as espécies, mas, sim, entender os problemas enfrentados por cada animal e como ele faz para

solucioná-lo (Vieira & Prado, 2004). Ela parte de princípios gerais, como a seleção natural e sexual para explicar como os animais se diferenciaram, buscando observar essas diferenças e também as semelhanças entre o ser humano e os outros animais para avaliar a possibilidade de se aplicar princípios de uma lógica evolucionista (Ades, 2009). De acordo com Izar (2009) esse estudo comparativo também auxilia na descoberta do valor adaptativo dos mecanismos cognitivos quando, por exemplo, se encontram semelhantes habilidades cognitivas entre espécies distantes que têm uma ecologia parecida ou divergências entre espécies próximas, mas ecologicamente diferentes.

Segundo Snowdon (1999) o estudo do comportamento animal pode funcionar como uma base teórica para explicar a sociedade humana e compreender possíveis causas dos problemas das sociedades, como a violência, abuso infantil, entre outros. De acordo com o autor, um exemplo prático dessa relação seria o estudo do aparecimento do cuidado paterno em espécies como o camundongo da Califórnia, sagüis e micos-leões, para se tentar um maior envolvimento dos pais com seus filhos.

É importante compreender que a espécie humana não é tão especial e diferente das outras como acredita ser e a pesquisa comparativa ajuda na descoberta de grandes semelhanças entre humanos e os outros animais. Um exemplo foi a recente descoberta que o código genético do ser humano e do chimpanzé tem menos de 1% de diferença, tornando-os muito parecidos (Weber, 2004). Até mesmo características que eram julgadas como exclusivas dos humanos, como a linguagem e a cultura parecem que podem, de alguma forma, estar presente nos outros animais. A descoberta de que primatas não humanos podem adquirir o uso de símbolos em atividades com o ser humano é uma demonstração de que eles possuem capacidades preditoras da linguagem. Os estudos que revelaram que chimpanzés e outros grandes primatas criados desde cedo e por muitos anos em ambientes culturais humanos podiam desenvolver alguns aspectos da cognição social humana e aprendizagem cultural também indicam essa similaridade (Tomasello, 2001).

Naturalmente que a forma como acontece a transmissão cultural humana e o papel que a linguagem tem para essa espécie é bastante peculiar e isso a torna mais complexa e até um pouco mais difícil de ser estudada. Sendo eticamente muito complicado estudar os seres

humanos em seu ambiente natural por muito tempo é comum que as pesquisas sejam baseadas nos relatos dos participantes, sem a certeza de que estejam sendo completamente sinceros. Pesquisas com outros animais não apresentam esse tipo de problema. (Daly & Wilson, 2005).

Outro aspecto fundamental dessa perspectiva é a sua visão interacionista entre biologia e cultura, onde não se separa uma da outra, pois elas estariam interligadas. De acordo com Bussab e Ribeiro (1998), elas caminham juntas desde o início do processo de hominização. Um exemplo dessa afirmação seria o tamanho do cérebro humano que é maior do que o esperado pelo crescimento geral do corpo e a acentuada especialização hemisférica, que de certa forma é como se quase duplicasse o seu tamanho. Para os autores, o desenvolvimento dessas características estaria relacionado com a cultura com o argumento que um cérebro maior iria possibilitar novos desenvolvimentos culturais, e um ambiente cultural mais desenvolvido, por sua vez, promoveria a seleção de uma nova especialização cerebral.

Tomasello (2001) também compartilha dessa visão interacionista acreditando que a cultura humana deve ser compreendida dentro de um contexto evolucionário. Para ele, “cultura humana emergiu evolutivamente de uma organização social primata, no qual forma sua base” (p.143). Segundo o autor, essa organização social incluiria o reconhecimento de indivíduos, a formação de longas relações sociais e complexas atividades de competição e cooperação.

Lucas, Parkhill, Wendorf, Imamoglu, Weisfeld, Weisfeld e Shen (2008) realizaram um estudo com 2000 casais de quatro culturas diferentes (Estados Unidos, Inglaterra, China e Turquia) com o objetivo de investigar dois componentes da satisfação conjugal: o amor e o apoio entre o casal. Eles buscavam descobrir se estas eram características universais, apenas culturais ou tinham um pouco das duas. Os resultados mostraram uma semelhança entre as culturas, mas uma similaridade ainda maior entre os participantes de cada cultura separadamente. Os autores concluíram, então, que esses dois aspectos poderiam ter evoluído para facilitar a procriação e o cuidado com a prole, sendo um traço da espécie, mas que também teriam influências culturais.

Outro exemplo sobre as diferenças na estabilidade conjugal é proposto por Quinlan e Quinlan (2007). Segundo os autores, em sociedades onde o homem tem que contribuir muito

para a subsistência da prole e a mulher é muito dependente dele, o vínculo entre eles tende a ser mais estável. Já em sociedades onde a mulher pode contar com o apoio de outros parentes e por isso, a prole não fica tão vulnerável com o abandono do pai, o vínculo entre os casais tende a ser mais instável. Percebe-se, novamente, que embora o estabelecimento do vínculo entre homem e mulher tenha sido um comportamento adaptativo selecionado no passado (o que será melhor explicado posteriormente), a forma como ele acontece é influenciada pela cultura.

Para Seidl-de-Moura (2005), a existência de uma psicologia sociocultural e evolucionista não é apenas possível, como se faz necessária. Segundo a autora, até mesmo Vygotsky, que é sempre citado pelos aspectos socioculturais de sua teoria poderia ser considerado, num certo sentido, um evolucionista do início do século XX. Ela o considera como tal já que para ele o comportamento do homem cultural seria resultado da evolução da espécie, da história cultural e da ontogênese. Além disso, cada um desses processos prepararia o seguinte, transformando-se e possibilitando um novo tipo de desenvolvimento.

Segundo Vieira e Prado (2004), a perspectiva evolucionista valoriza tanto as predisposições biológicas quanto as características gerais do comportamento humano que aparecem em contextos diversos. Busca-se justamente com essa perspectiva entender como acontece a interação entre os fatores que são específicos da espécie humana e a experiência pessoal de cada um. Os bebês, por exemplo, nascem preparados para encontrar adultos que cuidem deles, com quem possam desenvolver um vínculo afetivo e que irão lhe ensinar habilidades para interagir com outras pessoas de seu ambiente social. Caso eles não encontrem esse tipo de ambiente ao nascerem, poderão ter problemas de comportamento, agindo de forma muito diferente daqueles que encontraram um ambiente como era esperado. Isso mostra a relação entre características universais de comportamento e as diferenças individuais.

Em relação aos bebês humanos, é importante ressaltar que eles apresentam um grande período de imaturidade após o nascimento. Isso se dá porque eles nascem com apenas 23% da capacidade cerebral, ao contrário dos outros primatas que nascem com 70% ou mais da sua capacidade. Isso significa que o cérebro continua a crescer e se desenvolver depois do

nascimento, sendo que, nesse caso, os humanos têm um crescimento mais acelerado quando comparado aos outros primatas e aos dois anos já atinge cerca de 75% do tamanho cerebral (Lampert, 1997).

Esse nascimento prematuro dos humanos evoluiu com as consequências do bipedalismo, que provocou uma grande mudança na região pélvica, tendo implicações principalmente para as mulheres. Como o tamanho do cérebro aumentou ao longo do processo evolucionário e exigiu uma cabeça maior, a pélvis mais estreita devido ao bipedalismo inviabilizaria o nascimento, causando a morte do bebê e da mãe. Para resolver esse problema duas saídas foram sendo selecionadas. A primeira foi o alargamento do quadril da mulher e a abertura da pélvis. Essa ampliação faz com que ela balance os quadris quando caminha, o que acabou se tornando um atrativo sexual. A outra solução foi a diminuição da velocidade de desenvolvimento do feto no útero, fazendo com que ele nasça imaturo e dependente de cuidados por um longo período (Lampert, 1997). Essa infância prolongada exige que haja um grande investimento parental de cuidados diretos e indiretos (Seidl-de-Moura & Ribas, 2009).

Esse maior período de dependência dos bebês humanos também estaria relacionado com a formação da família. Como a fêmea não podia mais sair para caçar depois que dava a luz, pois necessitava cuidar de seu bebê indefeso, era preciso que ela tivesse o macho ao seu lado para lhe ajudar a se alimentar e proteger. Para conseguir isso, o ambiente evolucionário parece ter exercido forte pressão para favorecer a formação de vínculos afetivos mais duradouros entre macho e fêmea e um dos aspectos que ajudavam nessa vinculação era a fêmea se tornar receptível a relações sexuais independente do período fértil. Com isso, o homem começa a investir mais na alimentação da prole e da parceira e é a partir daí que parece nascer à família humana e o amor entre seus integrantes (Geary & Flinn, 2001; Weber, 2004).

Segundo Bussab (2000), o apego seria o mecanismo psicológico que estaria por trás dessa constituição familiar. Para a autora, o desenvolvimento do apego na criança e as predisposições inatas para o estabelecimento de vínculo que os recém-nascidos apresentam demonstram a natureza afetiva do ser humano. Para Weber (2004), o comportamento de apego mãe-bebê surgiu para aproximar adultos e bebês, para garantir que eles sejam

protegidos e é deflagrado pelos bebês a partir de seus gestos iniciais. Seria um comportamento natural que faz parte da herança primata do ser humano.

Apego e investimento parental estariam diretamente relacionados, já que é a partir dos sinais que o bebê emite e da resposta que os pais lhe dão que irá se formar o vínculo afetivo. Essa contínua interação entre ambos que teria dado origem ao amor entre pais e filhos (Toni, Salvo, Marins & Weber, 2004). É importante reafirmar que os bebês nascem predispostos para interagir com os seus cuidadores porque eles necessitam desse investimento dos pais para sua sobrevivência. Por mais que eles já nasçam com algumas habilidades, ainda precisam dos cuidados parentais durante bastante tempo para realizar atividades que são essenciais à sua sobrevivência, como se alimentar e se proteger (Vieira & Prado, 2004).

É para ajudar a promover esse investimento dos pais na prole, que os filhotes apresentam diversas características e habilidades que despertam a vontade de cuidar, aconchegar e preservar o bebê. Em primeiro lugar, apresentam características que se organizam de forma a deixá-los mais atraentes, deflagrando respostas de cuidado de seus genitores. Tais características incluem cabeça relativamente grande, olhos também grandes e implantados um pouco mais baixo, bochecha mais proeminente, extremidades mais curtas e grossas e se movimentam de forma desajeitada.

Além disso, o choro do bebê humano também é outro “artifício” eficaz para promover o cuidado e o contato corporal dos pais (Seidl-de-Moura & Ribas, 2004). Um exemplo do poder que o choro de um bebê tem pode ser observado entre os Kung!, povo caçador-coletor que em determinadas circunstâncias, como nascimento de gêmeos, complicações no parto ou problemas congênitos, a mãe costuma matar ou abandonar o seu filho. No entanto, algumas vezes ela não consegue fazer isso, e um desses momentos é quando ele chora (Bussab, 2000). O choro do seu bebê faz com que ela quebre um costume do seu povo.

Outra característica dos recém-nascidos é a preferência que eles têm por faces humanas. Nesse caso, o olhar do bebê para o seu cuidador pode ajudar a estimular respostas de cuidado. Esses atributos parecem ter tido uma função adaptativa e por isso permanecem até os dias de hoje, fazendo parte da história da espécie. Isso pode ser percebido observando bebês de contextos diversos. Os comportamentos são muito semelhantes e só começam a se diferenciar

quando eles vão ficando mais velhos e passam a exibir as características específicas da cultura que pertencem (Oliva, 2004).

É possível perceber que bebês humanos nascem com capacidades que os possibilitam a estabelecer trocas sociais desde recém-nascidos com o objetivo de ter alguém, na maioria das vezes os pais, que cuide deles para que possam sobreviver. No entanto, esse cuidado, geralmente, não é feito de forma igualitária e o que costuma acontecer são as mães ficarem responsáveis por cuidar dessa prole enquanto o pai continua trabalhando e obtendo recursos para manter essa família (Brasileiro, Féres-Carneiro, Jablonski, 2002). Isso é compreensível pela própria condição biológica da mulher, já que tendo uma gestação interna, ela precisa ter um período de recuperação após o parto, além de ter que amamentar, o que acarreta na sua maior dedicação ao filho (Geary & Flinn, 2001). Para explicar essa diferença entre os sexos no processo reprodutivo é importante recorrer a Teoria da seleção sexual e do Investimento parental.

Investimento parental e seleção sexual

A Teoria da seleção sexual foi desenvolvida por Darwin em 1871 no livro *The descent of man and selection in relation to sex*. No início, ela foi muito combatida por dois motivos: foi apresentada durante um período de forte repressão sexual e, além disso, afirmava que a escolha dos parceiros no processo reprodutivo era feita pela fêmea, em uma época onde os direitos femininos eram extremamente limitados. Essa teoria ficou esquecida por um longo período e anos depois ressurgiu para trazer contribuições relevantes para os estudos do evolucionismo (Sviatopolk-Mirsky, 2002).

A seleção sexual é definida como uma competição entre membros do mesmo sexo por acesso aos do sexo oposto e por uma escolha diferencial de membros de um sexo por membros do outro, onde geralmente são os machos que competem entre si pelas fêmeas e estas ficam com a tarefa de escolher o melhor macho. Isso significa que o sucesso reprodutivo das fêmeas não depende do esforço no processo de acasalamento das outras fêmeas. Já o sucesso dos machos está diretamente ligado ao esforço reprodutivo dos outros machos (Trivers, 1972).

De acordo com Trivers (1985), Darwin foi o primeiro a reconhecer a importância da escolha das fêmeas na natureza. Sendo elas que escolhiam, os machos teriam que cortejá-las e em função disso, precisaram desenvolver ao longo do processo evolutivo atributos que pudessem atrair a parceira. Observa-se que geralmente os machos são mais atraentes, mais coloridos, desenvolvem mais o canto do que as fêmeas, afinal, eles precisam fazer com que elas se encantem por eles e não pelos seus rivais que estão competindo para se acasalar com a mesma fêmea.

Segundo a teoria, com o objetivo de ter sucesso reprodutivo, machos e fêmeas irão agir de forma a facilitar a propagação de seus genes. Isso não acontece conscientemente, mas está relacionado à maneira como eles foram selecionados ao longo da evolução. Mesmo tendo a mesma meta, fêmeas e machos se comportam de maneiras diferenciadas. Elas se “preocupam” em escolher machos que tenham qualidade, sejam um bom provedor para ela e a prole, ou seja, teriam maior propensão a apresentar uma estratégia reprodutiva qualitativa. Já eles se importam com a quantidade e procuram acasalar com o maior número de fêmeas possível,

“preocupando-se” com a fertilidade delas e em afastar os possíveis concorrentes, optando por uma estratégia quantitativa (Ades, 2009).

Pensando na espécie humana os homens tenderiam a ter relacionamentos de curta duração, sem muito comprometimento com a fêmea e tendo a capacidade de perceber muito rapidamente os sinais emitidos por elas quando estão férteis e disponíveis para o sexo. Já as fêmeas procurariam relacionamentos mais longos que garantissem a proteção e o investimento do macho na sua prole (Parisotto, Guaragna, Vasconcelos, Strassburger, Zunta e Melo, 2003).

Entretanto, segundo Schmitt (2005), isso não é um consenso, pois existem discordâncias entre os psicólogos evolucionistas quanto a principal estratégia de acasalamento dos seres humanos. Uma perspectiva acredita que eles são fundamentalmente monogâmicos, outra, argumenta que tendem a se relacionar com mais de uma pessoa concomitantemente, na forma de poligamia ou relações extraconjugais. Também existiria uma outra vertente que defende o fato que apresentam um repertório plural e que homens e mulheres desenvolveram estratégias próprias de acasalamento. O autor concorda com essa última opção, acreditando que esse repertório se organiza em estratégias de longo e curto prazo e que a escolha entre elas difere de acordo com circunstâncias pessoais, o contexto cultural e o que for mais adaptativo para os dois sexos. Por exemplo, homens com mais status e prestígio tenderiam a apresentar mais freqüentemente estratégias de curto prazo quando comparados a outros homens. Quanto à diferenciação cultural pode ser observado que nas culturas onde o nível de estresse e de fertilidade é alto a estratégia de curto-prazo se mostra mais adaptativa. Em relação à variação entre os sexos, nota-se uma diferença de interesses quando ambos optam pela mesma estratégia. No caso da escolha por uma relação de curto prazo, o que os homens visam é obter um maior número de parceiras enquanto as mulheres buscam encontrar homens com melhor qualidade genética.

Essa diferença entre os sexos na escolha das estratégias é discutida por Borrione e Lordelo (2005). Segundo as autoras, ao escolherem uma mulher para uma relação de longo prazo, os homens estão buscando resolver o problema da incerteza da paternidade, monopolizando a vida reprodutiva da parceira, a qual é escolhida por se sobressair pela fidelidade e lealdade sexual. Nas relações de curto prazo a escolha é menos criteriosa, já que o objetivo é inseminar o maior número de parceiras possível e por isso, optam por aquelas que

estão mais acessíveis sexualmente, tendo um menor custo de comprometimento e de envolvimento de recursos. Para as mulheres, a estratégia de curto prazo é vantajosa para detectar parceiros com melhor qualidade genética, mas também possibilita uma extração imediata de recursos e de proteção contra abusos que possam partir de outros homens, além de servir como uma forma de avaliação para possíveis parceiros duradouros. Já na relação de longo prazo, elas buscam parceiros que sejam capazes de prover recursos de forma contínua e não só imediata, além de buscar investimento parental para sua prole.

Para investigar esse grau de exigência na escolha de parceiros e avaliar se isso estava vinculado ao investimento parental, Woodward e Richards (2004) pesquisaram 468 estudantes de graduação (334 mulheres e 134 homens) buscando descobrir quais os critérios que eles tinham no momento da escolha dependendo do tipo de relacionamento. Eram apresentados aos participantes várias características que poderiam influenciar na escolha de parceiros e eles tinham que dar notas de um a dez de acordo com o tipo de relacionamento. As características avaliadas foram, por exemplo, inteligência, querer ter filhos, ser ambicioso, alto nível social, atraente fisicamente, ter saúde, etc. Os tipos de relacionamento eram cinco: um simples encontro, que não envolvia relação sexual; um encontro de uma única noite, que envolvia relação sexual; um encontro casual, onde existe um envolvimento, mas não necessariamente exclusivo com uma pessoa; um namoro sério e o casamento. Os resultados mostraram que no geral, o nível de exigência feminino era maior que o masculino em todos os tipos de relacionamento. No entanto, ambos tendiam a ser mais criteriosos quando o risco de um possível investimento parental aumentava, tanto que para o casamento o grau de exigência era quase idêntico. De acordo com os autores, isso pode demonstrar que ambos os sexos buscam investir mais nesses relacionamentos de longo prazo que podem gerar filhos, esperando investir, talvez, de uma forma até igualitária na prole.

Baseado no que foi dito acima, podemos perceber que essas diferentes estratégias reprodutivas podem ser explicadas pela teoria do investimento parental de Trivers (1972), onde ele afirma que investimento parental é todo o esforço empregado pelos genitores para garantir uma maior chance de sobrevivência do filhote e aumentar o seu sucesso reprodutivo, o que, conseqüentemente, diminui a capacidade de investirem em outros filhos. Na verdade, cada filho é visto como um investimento independente, no entanto, quando o investimento em

um aumenta, automaticamente, o investimento nos outros diminui, ou seja, quando se investe muito em um determinado filhote, a capacidade para produzir outra prole enfraquece consideravelmente.

Esse investimento inclui desde o investimento na formação das células sexuais, até a alimentação e proteção do filhote. Segundo o autor, as fêmeas investem mais nos seus filhotes do que os machos, pois o custo no processo reprodutivo é muito maior para elas. Quando têm um ovo fertilizado, elas gastam muito tempo e energia gestando este filhote, parindo e principalmente amamentando e cuidando dele após o nascimento. O macho, teoricamente, poderia ter inúmeros filhos, sendo que isso geralmente não ocorre porque o seu sucesso reprodutivo é controlado pelo número de fêmeas que consegue inseminar. Já a fêmea tem a sua vida reprodutiva limitada pela própria condição biológica, já que tem poucos óvulos, comparado aos espermatozoides, e que são liberados gradualmente. Em outras palavras, os homens são férteis o ano inteiro, praticamente a vida toda e poderiam ter um filho por dia, ou até mais, mas isso é improvável que aconteça porque dificilmente eles irão copular com uma fêmea fértil todos os dias, até mesmo porque elas ficam férteis poucos dias no ano (Trivers, 1985).

O investimento das fêmeas é maior antes mesmo da concepção. Ainda na formação das células sexuais se percebe que o gameta feminino (óvulo) requer um gasto de energia muito maior para ser formado do que o gameta masculino (espermatozoide). Como eles têm um baixo investimento inicial, as chances dele deixar descendentes é maior se for copulando e abandonando várias fêmeas. No caso das fêmeas, elas precisam cuidar mais da sua prole, pois se abandonam seus filhotes, dificilmente eles irão sobreviver e todo o seu investimento inicial terá sido em vão (Vieira, Rímoli, Prado & Chelini, 2009).

De acordo com Keller e Chasiotis (2007) esse maior investimento por parte das fêmeas desde o início do processo reprodutivo e o fato de que nos humanos, assim como em todos os mamíferos, a maternidade ser sempre certa, ao contrário da paternidade é uma prova de que elas são mais preparadas para cuidar da prole. Um aspecto importante dessa preparação maternal seria a capacidade de amamentação que elas possuem e que é tão necessária para alimentar e proteger a criança de contrair doenças. Além disso, tendo o leite um baixo teor de

gordura e proteína, a criança precisa mamar várias vezes por dia e por isso necessita estar sempre perto de suas mães.

Segundo Trivers (1972) o que controla a operação da seleção sexual é esse investimento parental, pois o sexo que menos investe (geralmente os machos) é o que vai competir com outros pelo sexo que mais investe (em geral, as fêmeas) e este, por sua vez, será mais criterioso no processo de escolha de parceiros para se acasalar. Esses critérios estão relacionados à quantidade de investimento oferecida pelo macho, pois em espécies com pouco ou nenhum investimento paterno, elas só precisam escolher aqueles que julgam oferecer o melhor material genético para a prole. Já nos casos onde o investimento masculino é mais intenso, elas precisam avaliar, além do material genético, a disponibilidade e habilidade para ser um bom pai.

Em quase todas as espécies, o sucesso reprodutivo do macho varia mais que o da fêmea. Até mesmo em espécies monogâmicas, que seria esperado uma igualdade entre os dois sexos, sempre existe a possibilidade de adultério o que faz o sucesso reprodutivo do macho variar sem alterar o da fêmea. Até porque, em espécies onde há uma forte seleção para o cuidado parental masculino, é provável que ele assuma uma estratégia reprodutiva mista, ou seja, ajude a parceira nos cuidados com a prole, mas não desperdiça uma oportunidade de se acasalar com outras fêmeas. No entanto, o critério de escolha seria diferenciado, pois para fêmeas que ele apenas iria se acasalar, a exigência seria menor quando comparada àquelas que ele escolheria como companheira. (Trivers, 1972).

Como foi relatado anteriormente, a incerteza da paternidade também é um aspecto importante nessa diferença de investimento entre machos e fêmeas, pois na maior parte das espécies animais, as mães sabem que os filhos são seus, já os machos não têm essa certeza, uma vez que sempre existe a possibilidade de outro macho ter copulado e fertilizado os óvulos da parceira (Vieira, Rímoli, Prado & Chelini, 2009). Caso isso tenha acontecido, é um “desperdício” de tempo investir numa prole que não é sua. Segundo Geary (2005) em espécies de peixes que têm fertilização externa existe um maior investimento dos machos, ao contrário das espécies onde a fertilização é interna e os machos não têm certeza da paternidade.

De acordo com Ades (2009), essa preocupação com a certeza da paternidade pode ser refletida no ciúme masculino, cuja motivação é impedir que a parceira tenha relações sexuais com outros machos, diminuindo assim a dúvida da paternidade. O ciúme feminino também demonstraria sua preocupação com o que ela espera do macho. Segundo o autor, para a fêmea é interessante que o seu parceiro fique ao seu lado, provendo a ela e a prole, o que poderia deixar de acontecer se ele se envolvesse afetivamente com outra mulher, e geralmente essa é a fonte de preocupação da fêmea. A diferença de motivação para o ciúme foi constatada por Ades ao realizar uma pesquisa com estudantes universitários de São Paulo, com o objetivo de investigar o sofrimento causado por uma infidelidade emocional ou sexual. Os resultados confirmaram a hipótese evolucionista, pois mais homens do que mulheres relataram se sentir pior quando imaginava o parceiro tendo relações sexuais com outra pessoa, do que quando o imaginava apaixonado.

Sendo a dúvida da paternidade uma questão preocupante para os homens, podemos considerar que ter várias parceiras faz essa dúvida ser ainda maior do que se permanecesse com uma única. Segundo Vieira, Rímoli, Prado e Chelini (2009) ao invés de abandonar a fêmea, talvez fosse mais vantajoso ficar só com uma e ajudá-la nos cuidados da prole. Além disso, investindo nos cuidados da prole, eles diminuem as situações de competição com outros machos pelas fêmeas o que aumenta as suas chances de sobrevivência (Trivers, 1972).

Existem várias possibilidades desse investimento dos machos na prole ocorrer. Eles podem prover as parceiras com alimentos, procurar e defender bons lugares para a fêmea cuidar dos filhotes, tendo alguns que ajudam a colocar os ovos e até mesmo o chocam. Eles também se encarregam de defender a parceira de possíveis predadores, além de alimentar e proteger a prole (Trivers, 1972). Isso difere para cada tipo de espécie.

Outro dado importante são as diferentes necessidades de cada espécie em relação a esse investimento dos machos. Existem algumas espécies que há uma intensa participação paterna, pois ela é necessária para a sobrevivência da prole, ou seja, o investimento paterno é obrigatório. Nos casos de investimento facultativo, onde a prole sobrevive mesmo sem a participação do pai, existem muitos fatores que vão influenciar a ocorrência desse comportamento. Aspectos como a garantia da certeza da paternidade, a existência de fêmeas

disponíveis para outros acasalamentos e potenciais benefícios para a prole são “avaliados” para que haja ou não esse investimento (Geary, 2005).

Ao mesmo tempo, para o homem permanecer junto à mulher era necessário que houvesse um vínculo entre eles e para isso algumas características evoluíram e se mostraram adaptativas. Uma delas foi a ovulação oculta, fazendo com que o homem não soubesse quando a mulher está fértil, o que de certa forma poderia forçá-lo a permanecer ao seu lado para não correr o risco de outro vir e engravidá-la. Outra é a atividade sexual não reprodutiva que favorece a formação do vínculo, acarretando em uma motivação para formar famílias nucleares e um maior cuidado dos pais com a prole (Geary & Flinn, 2001), conforme foi relatado anteriormente.

Esse aumento do investimento paterno também se mostra muito importante para o desenvolvimento dos filhos. De acordo com Bussab (2000), entre os !Kung, povo caçador-coletor da África Setentrional, a probabilidade de um bebê morrer até o segundo ano de vida é triplicada se ele tiver perdido o pai. Segundo a autora, podemos pensar que alguns mecanismos biológicos atuaram na evolução proporcionando uma maior participação paterna nos cuidados da prole. Atualmente, esse envolvimento é percebido, em alguns casos, até mesmo na gestação, através da chamada Síndrome de Couvade, onde o homem apresenta sintomas de gravidez semelhantes aos da parceira. Isso pode indicar que os pais estão mais envolvidos, preocupados e cooperativos com suas parceiras nesse momento inicial da vida de seu filho (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004).

Essa maior participação paterna também pode ser provocada, por exemplo, por alterações hormonais, como foi observado na pesquisa realizada por Storey, Walsh, Quinton e Wynne-Edwards (2000) que estudaram a responsividade paterna e os sintomas da Síndrome de Couvade verificando as alterações hormonais. Eles observaram que homens mais responsivos e que demonstravam mais sintomas da síndrome apresentavam baixo nível de testosterona e maior nível de prolactina.

Com o objetivo de verificar outros fatores que poderiam estar envolvidos no envolvimento paterno, Fouts (2008), estudou dois grupos de forrageadores da África Central, os Aka e os Bofi. Ele observou 23 crianças do primeiro grupo e 35 do segundo, todas com

idade entre 18 e 59 meses para investigar se aspectos como viver próximo da família materna ou paterna, idade da criança e presença de mulheres mais velhas da família materna estava relacionado com o quanto o pai segurava o filho, mantinha um contato físico com ele ou se mostrava próximo dele. Os resultados mostraram que pais que viviam próximos a sua família permaneciam mais tempo segurando o seu filho do que os pais que moravam com a família da esposa. Quanto ao contato físico, era maior em crianças mais velhas e menor quando viviam próximos a familiares mais velhos da esposa. Em relação a demonstrar maior proximidade, também era mais intenso com as crianças mais velhas e isso era mais claro entre os Bofi do que entre os Aka. No geral, ambos demonstraram altos níveis de envolvimento paterno se comparados a outros povos forrageadores africanos. Entre os Aka, o fato de morar perto da família paterna aumentava os três níveis de envolvimento. De acordo com o autor isso pode ser explicado porque eles não tinham tanta ajuda com os filhos como quando viviam com a família da esposa e por isso tinham que necessariamente se empenhar mais nos cuidados. Essa maior contribuição da família materna poderia estar relacionada com a certeza da paternidade.

A pesquisa de Huber e Breedlove (2007) comprova essa importância da certeza do vínculo biológico para o investimento nos cuidados das crianças. Eles estudaram dados de 60 regiões do mundo e perceberam que a família paterna (irmãos, irmãs, mãe e pai dos pais) investia mais nos cuidados das crianças em sociedades em que a certeza da paternidade era maior, como, por exemplo, em comunidades pequenas onde o comportamento feminino é muito vigiado e o adultério altamente sancionado.

Segundo Geary (1998), o investimento paterno é uma característica que vem crescendo desde a emergência do *Australopithecus afarensis*, há mais de três milhões de anos, sendo que a sua manifestação irá variar de acordo com as culturas e os contextos. As sociedades em que não existe a efetiva presença paterna geralmente se caracterizam por um relacionamento distante entre marido e mulher, onde prevalece a poligamia e são ambientes sujeitos a ataques e guerras. Nas sociedades que há a presença paterna seria mais comum encontrar uma imposição da monogamia, que poderia ser ecológica ou social. A primeira aconteceria em difíceis condições ambientais em que os homens são incapazes de obter recursos para prover mais de uma esposa com seus filhos. A segunda seria a imposição da sociedade pela

monogamia, existindo inclusive leis proibindo outra forma de casamento. Nessas sociedades, há uma maior intimidade entre os casais e baixos índices de guerra. Além disso, em alguns contextos a presença do pai é muito importante, pois garante uma maior sobrevivência da prole ou aumentam o seu bem-estar. Entretanto, em outros ela não exerce tanta importância. Essa variabilidade demonstra que na espécie humana o investimento paterno não é obrigatório.

Também é importante relatar o investimento paterno que é encontrado em outras espécies além da humana. Em mamíferos é incomum, mas em quase todas as espécies de pássaros existe investimento por parte dos machos. Um exemplo são os coiotes, que geralmente têm grandes crias, uma maior dependência e os machos são provedores. O marmoset é uma espécie que os machos também investem na prole, pois a ovulação das fêmeas é oculta, como dos humanos, além delas ficarem muito dispersas e agredirem uma a outra impedindo a formação de haréns e de conceberem gêmeos, aumentando a necessidade da participação paterna. Há também curiosas espécies onde macho e fêmea invertem os papéis sexuais. Um caso interessante é a *Syngnathidae*, uma espécie de cavalo-marinho, onde é a fêmea que deposita os ovos numa bolsa no ventre do macho e ali eles ficam incubados. No momento que os ovos eclodem, “os papais” realizam contorções e expõem os filhotes (Trivers, 1985).

O *Petronia petronia* é outra espécie de ave com um comportamento incomum nesse processo de investimento, pois o abandono do ninho pode acontecer por ambos os sexos. Griggio e Pilastro (2007) observaram o comportamento parental entre três grupos: onde os machos desertavam, onde as fêmeas desertavam e onde ambos cuidavam da prole. Os resultados mostram que quando o desertor é o macho, esse abandono acontece mais cedo. Além disso, machos e fêmeas quando são abandonados pelo parceiro tentam compensar essa falta aumentando os seus esforços para alimentar os filhotes, no entanto, os machos não conseguem fazer isso tão completamente como as fêmeas. Alguns até diminuem o seu esforço provocando uma mortalidade da prole mais alta que nos ninhos onde apenas a fêmea cuida ou ambos cuidam.

Geralmente as espécies que apresentam investimento paterno são monogâmicas, no entanto existem alguns casos especiais onde os machos são monogâmicos, mas não investem na prole. É o caso da espécie de aranha *Latrodectus hasselti*, onde o macho só pode copular com uma única fêmea e na maioria das vezes uma única vez porque ela o devora assim que acaba o acasalamento. Caso o macho consiga escapar da primeira vez, ele irá copular novamente com a mesma fêmea, o que não seria necessário porque a quantidade de espermatozóide da primeira vez é suficiente para fertilizar os ovos de toda vida dela. Esse comportamento de auto-sacrifício e a monogamia não aumentam a fecundidade da fêmea e não envolve nenhum tipo de investimento na futura prole (Fromhage, Elgar e Schneider, 2005). Como foi relatado anteriormente, as estratégias reprodutivas estão relacionadas ao investimento parental e a monogamia estaria relacionada ao aumento do investimento paterno. Nesse caso em particular, esses aspectos não estão vinculados.

Voltando para os humanos, com o intuito de investigar essa participação dos pais nos cuidados com a criança Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof e Abreu (2006), realizaram uma pesquisa com mães que viviam em situação de risco psicossocial. Eles fizeram um estudo comparativo entre famílias cujos filhos estão na creche e outras que estão aguardando vaga. A participação dos pais pode ser observada nos relatos das mães que descreveram os pais de seus filhos como atuantes no cuidado das crianças, principalmente em atividades como sair, brincar, conversar e cantar. Entretanto, houve diferença entre as mães cujos filhos frequentam a creche daquelas que cuidam da prole em casa. O primeiro grupo relatou ter menos colaboração dos pais. Os autores hipotetizaram que isso poderia acontecer porque a criança na creche “liberaria” o pai, ou ele se veria liberado do cuidado, já que até mesmo a mãe também o foi.

Outro exemplo é o estudo de Romanelli (2003) que investigou alguns aspectos das relações entre pai e os filhos do sexo masculino em dez famílias de camadas médias de Ribeirão Preto-SP. Os resultados mostraram que todas as famílias relataram o papel primordial da mãe com relação à socialização dos filhos. O estudo demonstrou também algumas modificações na vida em família e principalmente na relação entre pai e filho, que antes era mais distante e atualmente existe maior proximidade e afetividade.

Os estudos relatados anteriormente demonstram alterações na dinâmica familiar, com pais mais participativos e envolvidos emocionalmente com suas crianças, contudo, sem haver ainda uma igualdade entre homens e mulheres, estas ficando mais responsáveis pelos cuidados. Isso remete a uma distinção de três formas de paternidade feita por Muzio (1998). Uma seria o pai tradicional, o provedor, aquele que exerce a autoridade, impõe limites. Outra seria o pai com manifestações de mudança, que apresenta características do pai tradicional, mas inclui outras atividades como dar banho, alimentar, levar ao médico e a escola, etc. A terceira forma de paternidade é o pai não-tradicional, que compartilha igualmente as tarefas com a mãe.

Uma pesquisa realizada por Seabra (2007) com pais e mães de crianças de zero a cinco anos da cidade do Rio de Janeiro buscando averiguar diversos aspectos do envolvimento paterno com seus filhos mostrou um pouco essa questão das diferentes formas de paternidade. Os resultados do estudo indicaram que, de uma forma geral, os pais estavam satisfeitos com seu exercício da paternidade, embora acreditassem que as mães, além de incentivarem a sua participação, também desejavam que eles exercessem o papel de pai de forma mais intensa. Além disso, os pais relataram ser participativos nas questões voltadas para a escola, mas as mães gostariam de um maior engajamento por parte deles nesse aspecto também. A autora observou que há uma maior participação escolar dos pais quando os filhos são pequenos e os aspectos que prevalecem são os assistenciais e não pedagógicos. Eles participam mais das atividades festivas e menos das reuniões pedagógicas. Além disso, o pai não costumava procurar a escola ou comparecer aos eventos escolares sem a presença da mãe. Também foi observado que os pais preferem se envolver em atividades lúdicas e não gostam dos momentos em que precisam impor limites.

Seabra (2007) observou que as famílias participantes desse estudo não demonstram praticar o exercício da paternidade tradicional, mas ainda não vivem completamente a paternidade não tradicional. Grande parte das famílias estaria, então, exercendo a paternidade com manifestações de mudança, com o pai mais envolvido em algumas tarefas diárias e de cuidados, sendo que muitas vezes em caráter de ajuda e não de divisão igualitária de tarefas.

Gamble, Ramakumar e Diaz (2007) também pesquisaram a visão de envolvimento que pais e mães tinham de si e do parceiro. Eles estudaram 57 casais descendentes de mexicanos

que viviam nos Estados Unidos e que tinham filhos em idade pré-escolar. Os participantes deveriam classificar o seu nível de envolvimento com o filho e o do companheiro numa escala de 1 a 5 onde 1 seria pouco envolvido e 5 muito envolvido. Os resultados mostraram que 60% dos pais e 90,9% das mães se autotranscritaram como sendo muito envolvidos e 48,4% das mães e 96,2% dos pais deram nota 5 para o seu (sua) parceiro(a). Além disso, nenhum pai se considerou pouco envolvido com o filho e no entanto 5% das mães deram nota 1 para o companheiro. Assim como na pesquisa de Seabra, no geral, esses pais pareciam realizados com o grau de envolvimento que tinham com o filho, sendo que as mães não tinham a mesma opinião, desejando talvez que eles fossem mais envolvidos.

De acordo com as pesquisas relatadas anteriormente, é possível perceber que a diferença biológica entre homens e mulheres fez com que os casais se organizassem de forma que as mães ficassem efetuando um cuidado maior com os filhos. No entanto, mudanças sociais como a necessidade das mulheres saírem para trabalhar e sendo cada vez mais exigidas no mercado de trabalho, parece estar provocando uma mudança nesses papéis, tendendo, talvez, para uma igualdade de investimento entre pais e mães.

Conforme foi dito anteriormente, investir em um filho é um comportamento adaptativo que foi selecionado para garantir a sobrevivência dele e assim aumentar o próprio sucesso reprodutivo. No entanto, ele não é exercido da mesma forma em todos os lugares e culturas e muitos fatores tanto relacionados a criança, quanto aos genitores são atrelados à intensidade do investimento parental, como idade, saúde e sexo do filho, satisfação conjugal, experiências estressantes na infância, condições de vida, entre outras (Geary, 2005).

Segundo Keller e Chasiotis (2007), os pais tratam seus filhos diferentemente de acordo com o valor reprodutivo deles, e a saúde do bebê é o maior indicador de um futuro reprodutivo promissor. Investir em um filhote que não é saudável e que por isso tem poucas chances de deixar descendentes não é adaptativo para os genitores. Atualmente, em sociedades industrializadas e pós-industrializadas existem muitos recursos para ajudar a mãe a cuidar de um filho que não seja tão saudável, permitindo até que ele alcance a idade reprodutiva e possa deixar descendentes. Contudo, ainda parece haver uma diferenciação de investimento, prevalecendo uma maior dedicação a filhos que têm uma expectativa de sucesso reprodutivo maior.

Além da saúde, a idade da criança também é outro fator que pode interferir no investimento dos pais. Filhos mais velhos têm um potencial reprodutivo mais alto, pois têm maior probabilidade de sobreviver caso o investimento seja reduzido por qualquer motivo, ao contrário dos filhos mais novos e recém-nascidos que precisam de cuidado intenso para se manter vivos. Por isso, durante curtos períodos de tensão, os pais parecem investir mais nos filhos menores, pois os mais velhos suportam ficar um tempo sem os cuidados parentais. Ao contrário, quando o período de estresse é mais longo, o investimento se volta para os filhos mais velhos, já que os mais novos provavelmente não sobreviveriam de qualquer jeito (Keller & Chasiotis, 2007).

Quanto à diferença de investimento relacionado ao sexo do filho, pode-se citar a pesquisa realizada por Guggenheim (2005) que teve o objetivo de testar a hipótese de Trivers-Willard, a qual pressupõe um maior investimento das mães em machos quando elas vivem em ótimas condições, como alto status, boa saúde e recursos abundantes. No caso das mães que têm condições mais pobres, o investimento seria maior em fêmeas. Essa hipótese é aplicável em algumas espécies animais e a autora buscava verificar essa hipótese na espécie humana. Para isso, ela estudou mães de 35 países analisando as características sociodemográficas, status nutricional da mãe e da criança, cuidado pré e pós natal, práticas de amamentação, etc. Os resultados não confirmaram a hipótese, demonstrando que as mães, de um modo geral, tenderam a investir mais no sexo que tinha em menor quantidade, no sexo raro, visando manter um equilíbrio, não havendo influência das condições em que essas mães viviam.

Para Keller e Chasiotis (2007), a idade da mãe também é um aspecto que pode ter influência no investimento. Mães mais velhas são menos seletivas para investir na prole comparadas às mais novas. Isso pode ser devido ao fato de que as primeiras têm menos chances de produzir novos descendentes e por isso precisam garantir o seu sucesso reprodutivo investindo intensamente nos filhos que já têm.

Existe também a hipótese que em ambientes de maior risco, com fortes estressores e baixos recursos, os pais tenderiam a ter filhos mais cedo e investir menos neles e o contrário aconteceria em contextos de baixo risco, pouco estressor e com mais recursos. Lordelo, França, Lopes, Dacal, Carvalho, Guirra & Chalub (2006) assumiram essa hipótese e

pesquisaram a relação entre as condições de criação da mãe, sua carreira reprodutiva e os modos de cuidado com os filhos. Eles estudaram 32 mães, com filhos de um a três anos, residentes em um bairro pobre de Salvador, Bahia. Os resultados mostraram que mulheres que tinham sido criadas por apenas um genitor ou por outros parentes ou ainda por pessoas não parentes iniciavam a vida reprodutiva mais cedo e tinham um maior número de parceiros quando comparadas as mães que foram criadas pelos dois genitores. Os pesquisadores observaram um padrão de investimento parental mais quantitativo entre as mães que não foram criadas pelos dois pais, confirmando a hipótese inicial de que as condições de criação da mãe estariam relacionadas com a sua vida reprodutiva.

Contudo, essa questão é contestada porque existem outros estudos que mostram o oposto, como a que foi realizada por Waynforth, Hurtado e Hill (1998). Eles estudaram as causas da variação das estratégias reprodutivas em machos de duas sociedades tradicionais. A pesquisa foi realizada com 271 homens Ache, no Paraguai e 56 Mayans, vivendo em ambiente rural de Belize. Os resultados mostraram que a ausência do pai, que poderia ser considerada um fator de estresse, atrasava ao invés de adiantar o nascimento do primeiro filho. Além disso, estresse familiar e violência não se relacionaram com número de parceiras e nem idade da primeira reprodução, nesses dois grupos.

Embora sejam pesquisas realizadas em contextos bastante diversos e com pessoas de sexos diferentes, os resultados parecem indicar que não há um consenso em relação à hipótese que ambientes estressores estariam relacionados com início precoce da vida reprodutiva e baixo investimento parental. A pesquisa *Investimento e cuidado parentais: aspectos biológicos, ecológicos e culturais* também adotou a hipótese anterior e mesmo com uma amostra de 100 mães, não foi possível ao menos testá-la. Uma das maiores dificuldades encontradas foi à definição do termo Investimento parental. Afinal, o que é investimento parental? Que comportamentos são característicos dos genitores que investem na sua prole? Se afirmarmos que amamentar é investir nos filhos, aquela mãe que não amamentou por algum problema orgânico, mas que procurou o melhor leite para dar ao seu filho será considerada uma mãe que pouco investe, ao contrário de outra que pode ter amamentado seu filho por muito tempo sem se preocupar em introduzir diferentes alimentos que a partir de um

momento são necessários para o desenvolvimento da criança e que será vista como uma mãe que investe bastante. Ou ainda, se acreditamos que pais que são bons investidores devem dar todas as vacinas nos seus filhos, aqueles que não dão por acreditarem que a vacina faça mal e que pode ter alguma consequência negativa para o seu filho também serão vistos como não investidores. Sendo assim, como estudar investimento parental?

Diante dessa dificuldade, uma alternativa pode ser tentar, inicialmente, saber o que a população estudada pensa sobre isso, ou seja, o que eles consideram como sendo investimento parental e a partir disso buscar descobrir se eles fazem aquilo que acreditam ser a melhor forma de investir em seus filhos. Essa tentativa traz para a discussão o conceito de crenças parentais.

Crenças parentais

A perspectiva interacionista adotada no presente estudo pode ser particularmente importante em relação à criação de filhos (Keller, 2002). Ter uma visão integrando biologia e cultura ajuda a compreender as crenças que os pais têm em relação aos seus filhos, e as práticas que eles exercem com os mesmos. Segundo Miller (1988) essas cognições parentais são fundamentais para se pensar o desenvolvimento humano e a parentalidade, pois as crenças que os pais têm em relação aos seus filhos influenciam o comportamento parental, o que afeta o desenvolvimento infantil.

Além de integrar os fatores culturais e biológicos, a psicologia evolucionista busca associar também os fatores ecológicos que iriam, da mesma forma, interferir na maneira como a pessoa se comporta, nas crenças que ela tem, etc. De acordo com Lordelo, Fonseca e Araújo (2000) apesar das pessoas serem influenciadas por um sistema cultural de crenças e práticas relativas a um determinado objeto, elas não são receptores passivos dessa transmissão cultural, pois suas experiências individuais e as do grupo social com quem elas convivem contribuem para a recriação dessas crenças e práticas.

Segundo Seidl-de-Moura (2003) as crenças parentais precisam ser entendidas dentro de um modelo que deve ser considerado como cognitivo, pois se tratam de cognições, ou seja, são produtos do processo de conhecer o mundo; sociais, já que são referentes a pessoas que pertencem a um grupo sociocultural e também de desenvolvimento porque qualquer fenômeno psicológico, sempre implica em desenvolvimento. E esse desenvolvimento engloba dois aspectos. O primeiro está relacionado com a idéia de pensar a importância das crenças parentais para o desenvolvimento humano, incluindo assim, o papel dos pais ou cuidadores nesse desenvolvimento. O outro aspecto é pensar as crenças parentais como dotadas de uma história, englobando os planos filogenético, ontogenético e a história cultural.

No entanto, quando se estuda crenças parentais se depara com um problema: a indefinição entre os autores do melhor termo a ser utilizado. Miller (1988), por exemplo, utiliza crenças porque acredita que focalizam concepções da realidade, excluindo, assim, valores e metas. Goodnow (1988) adotou o termo idéias, pois seria mais geral e neutro e afirma que o termo crenças não deveria ser utilizado, porque esta terminologia teria uma

conotação de convicção, que deveria ser evitada. Já Harkness e Super em seus estudos adotam o termo etnoteorias parentais. Ribas (2004), fazendo uma revisão da literatura, percebeu que apesar de Sigel, McGillicuddy-De Lisi & Goodnow assumissem que o melhor termo a ser utilizado fosse crenças, eles editaram um livro com título “Parental belief systems: the psychological consequences for children”. De acordo com Seidl-de-Moura (2003) essa falta de consenso pode causar problemas como imprecisão conceitual e confusões metodológicas.

Ribas (2004) salienta para o cuidado na utilização dos conceitos adequados para cada estudo. Na presente pesquisa será empregado o termo crenças parentais, que serão consideradas como um tipo de crenças parentais. Estas teriam uma conotação mais geral e englobariam diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento humano e a parentalidade como crenças, valores, expectativas, entre outros. As crenças seriam mais específicas e teriam um papel central dentro do campo das crenças. Acredita-se que para esse estudo, que tem como um dos objetivos saber o conceito de investimento parental para pais e mães, o termo crenças parentais seja adequado.

De acordo com Miller (1988) existem quatro questões gerais que orientam as pesquisas sobre crenças parentais. A primeira se relaciona com a natureza das crenças, ou seja, se quer saber quais as crenças que os pais têm sobre as suas crianças. A outra é referente à origem das crenças parentais, de onde elas veem. A terceira questão está ligada à relação entre as crenças e os comportamentos dos pais. A última refere-se à relação entre as crenças dos pais e o desenvolvimento das crianças.

O estudo desse tema se mostra relevante, pois a forma como os pais lidam com seus filhos está de certa forma relacionada com as crenças que eles têm sobre crianças em geral e sobre a sua própria criança (Miller, 1988). Na verdade, elas mostram um caminho para se entender as ações parentais e também demonstram um aspecto onde ocorre o desenvolvimento infantil (Goodnow, 1996). Sabemos que este ocorre sempre situado dentro de um contexto específico e é nesse contexto que pais e mães irão construir suas crenças sobre como investir em seus filhos e desenvolvem uma prática de cuidado com eles.

Pensando nisso, Harkness e Super (1994) propuseram um modelo adotando um conceito de nicho de desenvolvimento, que seria composto de três subsistemas:

- Ambiente físico e social → Tipo de casa que a criança vive e a organização social familiar.
- Costumes de cuidado → Noção de infância, o que é transmitido entre as gerações.
- Etnoteorias parentais → Envolve as crenças sobre desenvolvimento, sobre a melhor forma de cuidar, as expectativas em relação à criança. Nesse subsistema está incluído aquilo que os genitores acreditam que seja um bom investimento para os seus filhos.

Lightfoot e Valsiner (1992) consideram as crenças parentais como construções pessoais, organizadas de forma coletiva por indivíduos que passam a exercer papéis parentais e por crenças e ideologias que são comunicadas como sugestões sociais. Esse sistema de crenças é influenciado pela crença quanto ao papel desempenhado, as expectativas relatadas por outras pessoas e pela experiência vivida na relação com crianças. Os autores acreditam também que elas não são universais e nem fixas, variando de acordo com o lugar, o momento, nível socioeconômico, etc.

A parentalidade é um aspecto muito importante dentro da cultura, pois é através do seu exercício que os valores e práticas culturais são transmitidos através das gerações. Sendo assim, é esperado que existam variações no estilo de parentalidade, de acordo com o contexto cultural. Entretanto, estudos demonstram a existência de práticas e inclinações parentais universais. Um exemplo é a tendência de cuidadores responderem a qualquer sinal feito pelo bebê com intervalos bem curtos, entre 200 e 800 milésimos de segundo, o que poderia caracterizar esse comportamento como sendo uma reação intuitiva (Keller, 2005).

Conforme foi relatado no capítulo anterior, a prática parental, do cuidado, do investimento na prole evoluiu como um aspecto da estratégia reprodutiva. Contudo, os teóricos evolucionistas não acreditam que teria evoluído apenas um único padrão adaptativo na relação dos genitores com a criança. Para eles, haveriam estratégias alternativas para lidar com recorrentes problemas que nossos ancestrais precisavam lidar. Sendo assim, Keller (2005) apresenta um modelo de parentalidade que propõe um conjunto de sistemas parentais universais que teriam evoluído ao longo da filogênese e que seriam modulados por mecanismos interacionais.

Esses sistemas parentais se dividem em seis: cuidado primário, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto, troca face-a-face e envelope narrativo. Cuidado primário está relacionado aos cuidados básicos de alimentar, proteger e fazer a higiene. Ele representa a parte mais velha filogeneticamente dos sistemas parentais e tem a função de reduzir o estresse. O contato corporal tem como função proteger o bebê, pois estando junto ao corpo da mãe, o bebê fica resguardado contra possíveis perigos. Além disso, esse contato proporciona a experiência de calor emocional, que estaria relacionada à idéia de coesão social, e pertencimento grupal. A estimulação corporal funciona como uma forma de intensificar o desenvolvimento motor e a percepção corporal, além de ser muito adaptativa em ambientes onde as capacidades corporais são necessárias para a sobrevivência. Essa estimulação pode também melhorar o desenvolvimento do corpo com o objetivo de preparar o organismo para uma atividade reprodutiva precoce. A estimulação por objeto faz com que o bebê se ligue ao mundo de objetos e ao ambiente físico em geral, podendo assim estimular o seu desenvolvimento cognitivo e ao mesmo tempo enfraquecer a dependência em relação aos relacionamentos sociais. O sistema de troca face-a-face se caracteriza por um mútuo contato visual e maior uso da linguagem oferecendo ao bebê a experiência de percepção contingente. Por fim, o envelope narrativo está relacionado com a utilização da linguagem para falar com o bebê. Todos esses sistemas parentais se desenvolveram em diferentes momentos do passado evolucionário para solucionar alguns problemas adaptativos de nossos ancestrais (Keller, 2002; Keller & Chasiotis, 2007).

Os mecanismos interacionais são independentes dos sistemas parentais, entretanto, são as diferentes combinações entre os dois que definem os estilos parentais dos cuidadores. Um dos mecanismos é a atenção, que pode ser compartilhada, quando a mãe precisa fazer as suas tarefas diárias ao mesmo tempo que atende as necessidades de seu filho e a outra seria a atenção diádica exclusiva, onde ela reserva momentos para se dedicar inteiramente e dar atenção ao bebê. O calor emocional seria o afeto demonstrado pelo cuidador na relação com a criança e por fim a contingência que está relacionada com a capacidade dos pais responderem prontamente aos sinais que o filho emite (Keller, 2005).

De acordo com Keller e Chasiotis (2007), esses sistemas parentais e mecanismos interacionais podem apoiar diferentes trajetórias de socialização: relacional, que percebe o indivíduo sempre como membro de um sistema social, ou autônoma, a qual valoriza o individualismo e a auto-suficiência. A primeira é comum em sociedades rurais tradicionais de subsistência e a outra predomina entre indivíduos urbanos de sociedades industriais. Além dessas duas orientações, Kagitçibasi (1996) propôs uma terceira, denominada de autônomo-relacional que envolve características dos dois modelos.

Segundo Keller e Chasiotis (2007), as trajetórias de socialização relacionais se caracterizam por um estilo de parentalidade mais proximal que envolve os sistemas de contato e de estimulação corporal e uma linguagem mais repetitiva e pouco elaborativa e a prevalência de contingência em respostas a sinais negativos emitidos pela criança, calor emocional e atenção compartilhada. A orientação autônoma consiste em um estilo mais distante com ênfase nos sistemas de estimulação por objetos e troca face-a-face, uma linguagem mais elaborada, rica em detalhes e perguntas, atenção exclusiva e predominância de contingência em respostas a sinais negativos da criança.

Buscando identificar e estudar essas três orientações, Keller realizou algumas pesquisas em diferentes contextos. Em uma delas, realizada com colaboradores (Keller, Borke, Jenses, Lohaus & Yovsi, 2005), ela estudou 33 famílias de agricultores dos Camarões, 50 da área urbana da Costa Rica e 46 de classe média urbana da Alemanha. As mães participantes, que deveriam ter pelo menos um filho de até três meses de idade, respondiam um questionário sobre dados sociodemográficos e depois eram filmadas em brincadeira livre com a criança. As interações mãe-bebê foram classificadas de acordo com quatro sistemas parentais: face-a-face, estimulação por objeto, contato corporal e estimulação corporal. Os resultados mostraram que mães alemãs exerciam um estilo de parentalidade mais distante com mais interações face-a-face e estimulação de objeto e menos contato corporal comparado com as mães das outras duas localidades. As mães dos Camarões expressaram uma parentalidade mais próxima, com um número maior de interações com contato e estimulação corporal e menos interações face-a-face e com estimulação de objetos. As costa-riquenhas demonstraram mais contato corporal e menos estimulação por objetos e interações face-a-face quando comparadas às mães alemãs

e menos contato corporal do que as camaronesas. O estudo mostra que os três países analisados enfocam diferentes sistemas parentais e conseqüentemente apresentam orientações de socialização também distintas. A Alemanha com seu estilo mais distante teria um modelo cultural mais voltado para a autonomia, os Camarões, que exercem uma parentalidade mais próxima, teriam um modelo relacional e a Costa Rica assumiria um modelo autônomo-relacional.

Para verificar essa diferença no sistema de crenças, Greenfield, Flores, Davis e Salimkhan (2008) realizaram uma pesquisa com mães e suas babás. Eles estudaram quatro babás imigrantes latinas, três patroas americanas de origem européia e uma babá latina que também era patroa, pois contratava uma pessoa da mesma etnia para cuidar de seu filho. As entrevistas eram feitas separadamente com o objetivo de saber se havia diferenças entre patroa e empregada com relação aos valores e práticas de cuidados. A hipótese era que as mães americanas apresentariam valores e práticas de cuidado mais individualistas e as babás latinas teriam uma tendência coletivista. Além dessa questão étnica, eles acreditavam que os fatores sociodemográficos, como maior nível educacional e status socioeconômico, alta tecnologia e origem urbana influenciaram uma orientação individualista. O contrário estaria associado a uma tendência coletivista. As duas hipóteses foram confirmadas, no entanto, mãe e babá da mesma etnia também apresentaram diferenças de valores e práticas, levando os pesquisadores a sugerirem que os fatores sociodemográficos podem influenciar mais as crenças sobre cuidados do que a questão étnica.

Leyendecker, Harwood, Lamb e Sholmerich (2002), do mesmo modo, estudaram diferentes contextos, analisando as metas de socialização de mães latinas que migraram para os Estados Unidos e mães norte-americanas de origem européia. O primeiro grupo de mães enfatizou qualidades de bom comportamento, enquanto o outro valorizou mais as metas voltadas para independência. Além disso, verificou-se que mães da América Central davam mais importância para a qualidade de autocontrole quando a criança era do sexo masculino. Com relação às mães de origem européia de meninos, era mais enfatizado as qualidades referentes a expectativas sociais, como decência e honestidade e as mães de meninas valorizavam autoconfiança e independência.

Suizzo (2002) também investigou as crenças com o objetivo de identificar um modelo cultural de parentagem na França. Ela estudou 278 mães e 177 pais parisienses aplicando um inventário de valorização de práticas criado pela autora. Os resultados mostraram que dentre as práticas mais valorizadas estão conversar com a criança, dar banho nele todos os dias e dar brinquedos que estimulem os sentidos. Quanto aos modelos culturais, ela encontrou três: estimulação, que está relacionado a valorização em estimular o desenvolvimento da criança; apresentação em público, que seria a preocupação que a criança se comporte bem em público e responsividade, referente a importância das respostas imediatas dos pais as necessidades da criança e ao vínculo entre pais e filhos. O primeiro modelo se correlacionou positivamente com o número de filhos, demonstrando que quanto mais filhos, maior a valorização da estimulação. Responsividade e vínculo foi mais valorizado pelas mães do que pelos pais e por pais mais velhos. Os mais novos, juntamente com aqueles com nível educacional mais baixo deram mais importância a apresentação em público.

Para Seidl-de-Moura (2003), as crenças parentais são construídas ao longo da vida do indivíduo e antes até deles se tornarem pais ou mães. Durante o processo de socialização meninos e meninas são orientados sobre os papéis que assumirão na vida adulta e um desses papéis é o de pai/mãe. Isso não significa que essas crenças não possam se modificar quando eles efetivamente passarem a exercer esse papel parental. Além da variação cultural e do momento histórico, as crenças parentais podem ser diferentes entre homens e mulheres. Um exemplo dessa distinção é o estudo realizado por Ribas & Bornstein (2005) onde eles pesquisaram 70 casais brasileiros com o objetivo de investigar o que eles sabiam sobre desenvolvimento infantil, saúde, segurança e estratégias para satisfazer as necessidades físicas, biológicas, socioemocionais e cognitivas de seus filhos. O estudo demonstrou que as mães e pais tinham um conhecimento parental bem diferente sobre esses aspectos.

Tulviste e Ahtonen (2007) realizaram uma pesquisa com pais e mães da Estônia e da Finlândia que tinham filhos de três a sete anos com o objetivo de investigar valores e metas na criação dos filhos. Os resultados mostraram que havia uma maior concordância sobre o que eles valorizavam na criação dos filhos entre os pais finlandeses do que entre os da Estônia. Segundo os autores, isso poderia ser causado pelo fato dos pais finlandeses serem mais

envolvidos na criação dos filhos do que os do país vizinho. Essa diferença também confirmaria a importância e a influência do contexto nas crenças parentais.

A divergência entre os genitores também pode estar relacionada com o tempo que passam com seus filhos e com o tipo de experiências que têm com eles (Miller, 1988). As mães tendem a ficar mais tempo com eles o que pode fazer com que elas o conheçam um pouco mais e tenham opiniões sobre ele de acordo com essa vivência maior que os pais podem não ter. Além disso, de acordo com Jablonski (1999), os pais interagem com os filhos de uma forma menos íntima e mais física, por exemplo, enfatizando jogos e humor, e as mães tendem a apresentar uma relação mais protetora e afetiva. Uma pesquisa realizada por Tudge, Hayes, Doucet, Odero, Kulakova, Tammeveski, Meltsas, e Lee (2000) em cinco pequenas cidades de diferentes países (Estados Unidos, Coreia, Rússia, Estônia e Quênia) pode confirmar a afirmação feita por Jablonski. Os pesquisadores buscavam investigar a influência dos papéis parentais nos tipos de atividades que crianças de 28 a 50 meses se envolviam. Em cada sociedade foram recrutadas populações de classes média e baixa e os resultados mostraram que apesar das diferenças culturais, as mães costumam estar mais tempo disponível para os filhos e se engajarem em atividades com eles do que os pais. No entanto, foi observado em duas populações (classe baixa da cidade da Coreia do Sul e Estônia) que as crianças apresentam uma probabilidade ligeiramente maior de se engajarem em brincadeiras quando estão com os pais no mesmo ambiente do que quando estão com as mães.

Embora crenças e comportamento parentais estejam ligados, não existe uma relação direta de causa e efeito entre eles. As crenças funcionam como organizadores mentais para as ações e não necessariamente, se traduzem em determinada forma de agir. Isso acontece porque as crenças são construídas nas relações sociais, recebem influência de vários contextos e têm a participação de um sujeito atuante nessa construção, o que, em alguns momentos poderia gerar algumas inconsistências entre o que ele acredita e o que ele faz (Lightfoot e Valsiner, 1992). Chean e Chirkov (2008) também concordam que as crenças não são cópias fiéis das normas culturais, pois cada indivíduo irá internalizar tais normas de uma forma singular e formará a sua crença.

Para Harkness e Super (1992, 1996) o estudo dessa relação entre crenças e comportamento tem sido evasivo e negligenciado. Eles acreditam que as crenças parentais são

construídas na relação diária que os pais têm com os filhos, da mesma forma que são derivadas do contexto cultural. Por isso, é possível que algumas vezes possa acontecer de uma crença imposta pela cultura não esteja de acordo com aquela construída no cotidiano. Além disso, para esses autores, as crenças são construídas dentro de um modelo hierárquico, onde crenças mais gerais englobariam outras mais específicas, tendo momentos de prevalência de uma ou de outra.

Com o objetivo de analisar a relação entre crenças e comportamento, Sigel (1992) estudou 240 famílias, sendo 120 de crianças pré-escolares com deficiência de comunicação e outras 120 de não deficientes. Para avaliar as crenças, foram utilizadas entrevistas e os comportamentos foram observados nas filmagens dos pais e dos filhos, onde estes seriam ensinados a como amarrar um nó. Para Sigel, cada crença sobre a melhor forma de ensinar um filho, iria se relacionar com um comportamento específico. Por exemplo, pais que acreditassem que os filhos aprendiam melhor através de uma instrução direta, quando fossem ensiná-los a amarrar o nó, iriam explicar ou mostrar como se faz. No entanto, não foi isso que ele observou e concluiu que uma mesma crença pode ser expressa por diferentes comportamentos.

No Rio de Janeiro, Santana (2006) também investigou essa relação entre crenças e práticas de cuidado. Ela estudou quatro mães primíparas que tinham um único filho até três anos. Para analisar as crenças a autora utilizou um instrumento desenvolvido por Suizzo (2002) que continha 50 itens sobre práticas de cuidado, onde as mães marcavam o grau de importância de cada atividade desde zero até cinco. Na investigação das práticas, Santana construiu um inventário de práticas contextualizadas, onde são apresentadas histórias baseadas no instrumento de Suizzo e as mães deveriam assinalar se discordavam, concordavam ou discordavam/concordavam parcialmente. Depois, elas responderiam se o fato narrado na história já havia acontecido com elas e como elas agiram. Além disso, a autora realizou duas visitas à casa de cada participante para observar suas práticas de cuidado cotidianas. Os resultados mostraram que as crenças mencionadas no inventário de práticas não era refletida total ou diretamente em comportamentos. Foi ressaltado também que algumas práticas não valorizadas ou que as mães demonstraram não concordar foram observadas

durante a visita, contrariando o que teria sido assinalado por ela. As conclusões do estudo não significam que as mães estivessem mentindo, mas sim que não se pode considerar crenças e práticas como tendo uma relação linear.

Semelhante a pesquisa de Santana, o presente estudo também busca investigar as crenças e o relato de práticas, mas nesse caso, relacionadas ao investimento parental. Portanto, é possível perceber a importância do estudo das crenças parentais e do quanto ele pode auxiliar na busca sobre a melhor definição e caracterização de investimento parental. Afinal, aquilo que os pais acreditam que seja a melhor forma de se investir nos filhos faz parte das crenças que eles têm sobre os mesmos e o seu melhor desenvolvimento. Na revisão feita, não foram encontrados estudos que focalizassem esse tipo de crenças parentais. Desse modo, com base na perspectiva evolucionista e apoiando-se nos estudos sobre crenças parentais que as incluem como parte dos nichos de contextos de desenvolvimento, este trabalho tem os objetivos enumerados a seguir:

Objetivo geral: Investigar o que pais e mães do Estado do Rio de Janeiro pensam sobre o que seja Investimento parental e o que eles acreditam fazer para investir em seus filhos.

Objetivos específicos

- Comparar no grupo estudado crenças sobre investimento parental e sobre suas práticas de investimento.
- Identificar diferenças e semelhanças nas crenças e práticas de investimento parental relatadas por mães e pais.
- Relacionar as diferenças nas crenças sobre os modos de investimento de acordo com características sociodemográficas e de características dos participantes.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 50 homens e 50 mulheres que tinham pelo menos um filho de até seis anos de idade, eram maiores de 18 anos, residiam no Estado do Rio de Janeiro e que denominamos respectivamente de “pais” e “mães”. Se eles tivessem mais de um filho nessa faixa etária, a pesquisa era realizada enfocando o filho mais novo. A tabela 1 apresenta média e desvio padrão de alguns aspectos que caracterizam os participantes como idade, dias e horas que trabalhavam, número de filhos, idade do filho e horas que passavam com a criança.

Tabela 01- Média e desvio padrão de aspectos que caracterizam a amostra

	Idade		Dias de trabalho (semana)		Horas de trabalho(dia)		Nº de filhos		Idade do filho mais novo (meses)		Horas com o filho (dia)	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Média	33,2	35,3	4,32	5,32	6,94	8,52	1,58	1,70	31,78	36,94	5,22	3,75
Desvio padrão	6,37	6,56	1,88	1,33	3,00	2,62	0,83	1,05	20,10	21,07	2,60	2,81

É possível perceber que em média os participantes tinham mais de trinta anos, não tinham muitos filhos e as mães passavam mais tempo com os filhos por dia do que os pais, até porque elas trabalhavam menos dias e por um período menor. Além disso, todos os pais participantes trabalhavam fora de casa e entre as mães, 10% não trabalhavam ou estavam de licença.

A maioria dos participantes eram casados (68% das mulheres e 72% dos homens) e viviam com o pai/mãe do seu filho mais novo (82% das mães e 92% dos pais). Quanto aos filhos, 42% eram do sexo feminino entre as mães e entre os pais, 48% eram meninas. Todas as mães viviam com o seu filho e apenas 6% dos pais não moravam com ele. No caso das mulheres, a pessoa que mais toma conta do seu filho seria a escola/ creche (26%), a avó materna (26%) ou ela mesma (20%). Já entre os homens, os cuidados ficam principalmente a cargo das mães (46%) ou da escola/creche (22%).

Quanto à escolaridade, 66% das mães e 46% dos pais tinham pelo menos concluído o superior e 16% dos homens em contraste com 8% das mulheres não tinham o ensino médio completo. A maioria dos participantes residiam na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro (60% e 50% de mães e pais, respectivamente). Entre os pais, houve uma quantidade razoável de participantes da zona oeste (30%).

Questões éticas

A pesquisa foi realizada buscando observar e atender as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil) e o Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, esta investigação foi cuidadosamente elaborada visando atender às exigências estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e seus desdobramentos. Foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ (nº 014.3.2008) e aprovada (vide anexo 1).

Entende-se que a participação nesta pesquisa não envolveu riscos ou desconfortos maiores aos seus participantes, talvez, apenas um pequeno sentimento de timidez que algumas pessoas podem sentir diante de questionários. Nenhum dos procedimentos utilizados nesta investigação oferece riscos à dignidade dos participantes.

Os participantes tinham a liberdade de recusar a sua participação em qualquer momento desta investigação. Além disso, foi informado que sempre que quisessem poderiam pedir mais informações sobre a pesquisa entrando em contato com a coordenadora da pesquisa.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa foram identificados com um código, e não com o nome dos participantes. Apenas a pesquisadora teve conhecimento dos dados, os quais também poderão ser utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos.

Instrumentos (vide anexo 2)

Questionário de crenças sobre investimento parental

Questionário desenvolvido pela autora para este estudo com informações sociodemográficas e características dos participantes e três perguntas abertas. São elas:

- 1) Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância?
- 2) E até quando eles precisam fazer esse investimento?
- 3) E você, o que fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?

Havia ainda uma quarta pergunta que era registrada pela entrevistadora.

- 4) Diga as cinco primeiras palavras ou expressões que vem a sua cabeça quando você ouve a expressão “Investimento parental”.

Após a resposta era pedido que o participante colocasse as palavras em ordem de importância.

Inventário de atividades de investimento parental

Desenvolvido a partir de um instrumento sobre crenças parentais e práticas de cuidados que foi construído e validado por pesquisadores brasileiros (Martins, Macarini, Vieira, Seidl-de-Moura, Bussab & Cruz, 2009) e utilizado na pesquisa *Investimento e cuidado parentais: aspectos biológicos, ecológicos e culturais*. Esse instrumento foi utilizado como base, mas sofreu modificações. Originalmente ele é composto de 25 itens, no entanto, conversando com pessoas da área de desenvolvimento, além de pais e mães alguns itens foram retirados e outros foram acrescentados, ficando o inventário final com 39 itens. É importante ressaltar que a idéia não era fazer uma adaptação, mas sim, ter um instrumento com atividades variadas que poderiam estar relacionadas com investimento parental (Alpha de Cronbach = 0,994).

Ele é constituído de dois quadros iguais com atividades que poderiam estar relacionadas ao investimento parental ou não. Exemplo: manter limpa, conversar, levar ao médico quando está doente, colocar na escola, etc. No primeiro quadro, para cada item, os participantes tinham que assinalar se eles consideravam que tais atividades estariam relacionadas ao investimento parental e davam uma nota de 1 a 5 de importância para cada uma delas, onde 1 era pouco importante e 5 muito importante. As atividades que não foram consideradas como fazendo parte do investimento parental receberam nota 0. No segundo quadro eles marcaram o quanto realizam ou realizaram cada atividade numa escala de 1 (nunca) a 5 (sempre). Em ambos os quadros havia um espaço em branco para que os pais acrescentassem mais alguma atividade se desejassem.

Folha de relatório

Além desse questionário, foi utilizada também durante a entrevista, uma folha de relatório que contém dados dos participantes como nome, endereço, telefone, além de conter algumas observações e possíveis intercorrências que possam ter acontecido no momento da realização da pesquisa. Todos os instrumentos foram identificados apenas pelo código dos participantes que consta desta folha de relatório.

Escala de Desejabilidade Social

Buscando tentar controlar se as respostas não estariam tendendo para aquelas socialmente aceitas e com isso colocar em risco a validade da pesquisa foi aplicado também a Escala de Desejabilidade social de Marlowe-Crowne que foi adaptada por pesquisadores brasileiros (Ribas, Seidl-de-Moura, Hutz, 2004). Essa escala é composta de 33 afirmações e em cada uma delas, o participante tem que avaliar se ela o descreve ou não. Se ele achar que sim marca verdadeiro e se achar que não assinala falso. Depois, as respostas são analisadas de acordo com um crivo dados pelos autores e cada participante recebe um escore. Essa escala teve um índice de consistência interna (Kuder-Richardson) de 0,78.

Procedimentos

Após receber parecer favorável da comissão de ética, as famílias foram contactadas e convidadas a participar. Foram explicados os objetivos e método da pesquisa e havendo concordância na participação, eles assinavam um Termo de Consentimento (vide anexo 3) e depois era iniciada a aplicação do questionário. Esta aplicação era realizada no local mais conveniente para os participantes, sendo na maioria das vezes a casa ou o local de trabalho deles.

As perguntas foram realizadas da seguinte forma: Era feita a pergunta número um (O que ele(a) acha que um casal que teve um bebê deveria fazer para investir na criação dele desde a infância) e número dois (Até quando deve ser feito esse investimento), seguida da quarta pergunta (Diga as cinco primeiras palavras ou expressões que vem a cabeça ao ouvir a expressão “Investimento parental”). Depois era apresentado o primeiro quadro com as atividades de investimento parental para ser marcado a importância de cada uma. Em seguida era feita a terceira pergunta (O que ele (a) fez ou faz para investir na criação de seu filho até

agora) e por fim os participantes respondiam o quanto realizavam as atividades de investimento propostas no segundo quadro. Essa ordem era para que na primeira parte eles pudessem descrever um pouco sobre a sua concepção de investimento e depois pudessem falar sobre as suas práticas.

As perguntas abertas foram respondidas livremente pelos participantes e as respostas foram registradas por meio de gravador de áudio e transcritas pela pesquisadora. Assim como a pergunta de número quatro, as marcações nos dois quadros também eram registradas pela entrevistadora.

Análise de dados

Em relação às respostas das perguntas 1 e 3 foi realizada uma análise de conteúdo em que as categorias foram criadas posteriormente a coleta de dados. Foi feito um levantamento de todas as respostas das duas perguntas dos 100 participantes e a partir delas foram definidas seis categorias que poderiam indicar diferentes tipos de investimento parental.

- 1) Investimento financeiro - Estaria relacionado à economia de dinheiro, ao planejamento das finanças quando se tem um filho e a todos os gastos que envolvem a sua criação. Envolvem respostas tais como: Fazer uma poupança, economizar, ter uma reserva de dinheiro, reduzir os custos, sustentar, etc.
- 2) Investimento emocional - Seria a entrega emocional que está presente na criação de um filho. Engloba todo o envolvimento afetivo. Exemplo: Dar amor, carinho, compreensão, dedicação a criança, mostrar confiança, fazer ele ser feliz, entre outros.
- 3) Investimento em cuidados básicos - Seria uma preocupação com os cuidados primários tais como: Levar ao médico, deixar limpo, alimentar, amamentar, proteger, fazer dormir, etc.
- 4) Investimento intelectual - Está relacionado à preocupação com o desenvolvimento cognitivo da criança e envolve respostas como: procurar uma boa escola, investir para ele progredir na vida, colocar em cursos, dar brinquedos educativos, estimular, incentivar a leitura e outros.
- 5) Investimento social-espiritual - Envolve aspectos ligados a convivência com outras pessoas, a como viver em sociedade, a importância de saber se comportar, de ter

valores morais e de ter uma crença religiosa. Exemplos: Orientar a criação para que ela saiba o que é a vida, ensinar os bons hábitos, mostrar as questões morais, impor limites, fazer ele se relacionar com outras pessoas, dar uma formação religiosa, espiritual, etc.

- 6) Investimento familiar-pessoal - Está voltado para um investimento dos pais, da família, do ambiente familiar que se proporciona ao filho. Envolve respostas relacionadas à importância da participação familiar, do bem estar dos pais, tais como: investir na relação do casal, ter um ambiente calmo, união da família, ensinar o que é família, investir em si próprio, estar preparado para receber o bebê.

Os dados serão apresentados através de estatística descritiva (média e desvio padrão). Para comparar as variáveis sociodemográficas e as características dos participantes foram realizados testes de correlação de Pearson e análises univariadas (GLM), considerando-se estatisticamente significativas as diferenças com $p <$ ou igual a 0,05. Para verificar diferenças nas respostas da pergunta 1 e da pergunta 3 foram realizados correlações de Pearson e teste-t, considerando significativo $p <$ ou igual a 0,05.

É importante ressaltar que os resultados das análises estatísticas encontrados em relação as categorias que indicavam investimento financeiro e familiar-pessoal não foram considerados pois elas apresentaram uma variabilidade muito grande na distribuição das respostas. Talvez isso possa ter sido reflexo da própria definição das categorias. É possível que ao agrupar as respostas para formá-las em categorias, tenha acontecido alguma organização inapropriada. Outra hipótese para explicar essa grande variabilidade seria uma possível variação interna muito grande dentro dessas categorias. No entanto, novos estudos precisam ser realizados para tentar identificar o que realmente pode ter acontecido.

Na segunda pergunta, as respostas também foram classificadas em categorias criadas posteriormente a coleta. Nesse caso, foi calculada a frequência com que pais e mães responderam em cada categoria. As categorias são:

- 1) Apenas na infância - Envolve respostas tais como: Até um ano, até os cinco anos, até os 10 anos, até a primeira infância.
- 2) Entrada na idade adulta - Exemplos: Até a faculdade, até terminar o ensino médio, até os 20 anos, até a adolescência, até ser maior de idade.
- 3) Se tornar independente - Engloba as seguintes respostas: Até concluir o superior, até ser independente, até quando morar com os pais, até quando precisar.
- 4) Sempre - Pais que acreditam que o investimento parental não acaba nunca.
- 5) Sem tempo determinado - Exemplos de respostas: Por tempo indeterminado, até quando os pais puderem.

Para garantir a fidedignidade, 20% das respostas foram analisadas também por um juiz de forma independente. A concordância foi de 91,95%.

Em relação à pergunta sobre as cinco primeiras palavras ou expressões que vinham à cabeça ao se ouvir a expressão “Investimento parental” foi feito um levantamento de todas as palavras e expressões que apareceram, dando um total de 122. Com isso, foi realizada uma análise qualitativa dessas palavras e expressões, observando aquelas que foram mais relatadas pelos pais e pelas mães.

Além disso, foi realizado um agrupamento das palavras e expressões que se assemelhavam, formando 25 categorias (Tempo; Dinheiro; Estar presente; Afeto; Cuidados básicos; Ser amigo; Autonomia; Socialização (ensinamentos); Educação; Solidariedade; Caráter; Determinação; Compreensão; Esporte; Lar-família; Expectativa; Religião; Disciplina; Trabalho; Paciência; Felicidade; Troca; Paz; Razão) (o agrupamento completo das categorias se encontram no anexo 4). A partir daí foi realizado um Escalonamento multidimensional para verificar as categorias que se associavam aos pais e as mães. Para realizar a análise foi considerada a ordem de importância que os participantes deram a elas. Também foi realizada uma análise qualitativa buscando identificar as categorias que mais apareceram e que tiveram prioridade na ordem de importância.

Quanto às atividades relacionadas ao investimento parental que estão descritas nos dois quadros, serão apresentados resultados da estatística descritiva. Além disso, foi realizado Análise univariada de variância (ANOVA) entre as atividades e o tipo de participante, sendo

considerado significativo $p <$ ou igual a 0,05. Foi realizado também um levantamento das atividades mais e menos valorizadas e realizadas pelos participantes.

As atividades acrescentadas pelos participantes foram analisadas qualitativamente. Foram identificadas quais atividades foram relatadas e o quanto elas foram valorizadas e realizadas.

Resultados e Discussão

Concepção de investimento

Para atender aos objetivos propostos, buscou-se inicialmente investigar a concepção do grupo estudado em relação a investimento parental. Para isso, foram analisadas as respostas à seguinte pergunta: *Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância?*

As mães deram um total de 361 respostas, tendo uma média de 7,2 respostas por participante enquanto os pais deram 242 respostas, obtendo, assim, uma média de 4,84. As mulheres parecem se estender mais nesse assunto do que os homens.

Para cada categoria, foi calculado um escore, que corresponde à proporção de respostas na categoria em relação ao total de respostas dadas. As médias e desvios em cada uma delas são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 02: Média e desvio padrão das respostas de pais e mães sobre o tipo de investimento que deve ser feito

Sujeitos	Mães		Pais	
	Média	DP	Média	DP
Categorias				
Financeiro	0,10	0,22	0,08	0,19
Emocional	0,27	0,31	0,34	0,32
Cuidados	0,07	0,14	0,10	0,17
Intelectual	0,21	0,27	0,19	0,23
Social-Espiritual	0,17	0,23	0,14	0,24
Familiar-Pessoal	0,16	0,28	0,12	0,26

É possível perceber que pais e mães obtiveram maior média no investimento emocional, que está relacionado a todo envolvimento afetivo no processo de criação de um filho. Em segundo lugar, para as mulheres destacou-se o investimento intelectual, seguido do social-espiritual, familiar-pessoal, financeiro e por fim o investimento nos cuidados básicos. Já entre os homens a ordem foi o intelectual, social-espiritual, familiar-pessoal, cuidados e financeiro. Esse é um resultado interessante, pois tradicionalmente eram as mães que ficavam responsáveis pelos cuidados primários e os pais se encarregavam do suporte financeiro

trabalhando para sustentar a família (Brasileiro, Féres-Carneiro, Jablonski, 2002) e foram exatamente os aspectos menos valorizados por mães e pais, respectivamente.

Foram realizadas análises univariadas (GLM) para verificar se havia diferença entre os tipos de participantes (pai ou mãe), sexo do filho e escolaridade em relação aos tipos de investimento. Observou-se diferença significativa entre a importância que os pais davam ao investimento social e espiritual e o sexo do bebê [$F(1, 48) = 5,02, p < 0,05$]. Os pais de meninas ($M = 0,22, DP = 0,30$) deram mais importância a esse tipo de investimento do que os pais de meninos ($M = 0,07, DP = 0,16$). Parece que os homens dessa amostra se preocupam muito mais com a educação moral, o caráter, o bom comportamento, a formação religiosa para as filhas do que para os filhos, diferente das mães européias do estudo de Leyendecker, Harwood, Lamb e Sholmerich (2002) que valorizavam mais as expectativas sociais para os meninos que para as meninas.

Nas demais comparações os resultados não foram significativos, indicando que, em geral, a importância atribuída aos diferentes tipos de investimento não é influenciada por esses fatores (tipo de participante e escolaridade). Em relação à escolaridade, talvez possa não ter sido encontrada diferença significativa porque em média a escolaridade dos participantes era alta, com mais da metade dos participantes tendo ao menos concluído o ensino superior.

Uma diferença interessante foi observada em relação às médias dos pais que viviam e que não viviam com seus filhos. Os pais que não moravam com seu filho ($M=0,75, DP=0,25$) apresentavam médias mais altas em investimento emocional do que aqueles que moravam junto com a criança ($M=0,32, DP=0,31$). Essa categoria que envolve aspectos tais como participar da vida da criança, se fazer presente, estar junto com a criança foi curiosamente mais valorizada por aqueles homens que não moravam com seu filho e que possivelmente não poderiam exercer esse tipo de investimento plenamente. Isso talvez indique que mesmo não podendo estar sempre com o filho, eles percebem o quanto essa participação na vida deles é importante. O investimento emocional foi o mais valorizado pelos participantes em geral e este resultado enfatizou a sua importância nessa amostra, pois parece que a dificuldade em praticá-lo o fez ser valorizado ainda mais.

Foram realizadas correlações de Pearson entre os tipos de investimento e as variáveis sociodemográficas e as características dos participantes (idade dos participantes e dos filhos, horas e dias que trabalha, horas que passa com o filho e número de filhos) e o escore da escala de desejabilidade social. As tabelas abaixo mostram os resultados significativos encontrados para as mães e pais.

Tabela 03: Correlações significativas entre os tipos de investimento relatados pelas mães e as variáveis horas com o filho, número de filhos e idade do filho

Categorias	Correlações
Investimento em cuidados e horas que passa com o filho	0,36
Investimento social_espiritual e número de filhos	0,28
Investimento em cuidados e idade do filho	-0,39
Investimento intelectual e horas com o filho	-0,35
Investimento emocional e intelectual	-0,44

p< ou igual a 0,05

Percebe-se que quanto mais horas a mãe tem disponível para ficar com seu filho, mais ela valoriza o investimento em cuidados. Talvez isso seja reflexo da própria experiência, pois tendo mais tempo livre é provável que ela exerça mais esses cuidados no cotidiano com seu próprio filho. O número de filhos correlacionou-se positivamente com o investimento social_espiritual, o que demonstra uma maior valorização desse investimento pelas mães que têm mais filhos, indicando talvez uma orientação religiosa subjacente. Em relação às correlações negativas, parece que quanto menor o filho, mais as mães valorizaram o investimento em cuidados. Isso é esperado, pois filhos menores necessitam de mais cuidados e elas estando nessa fase de amamentar, se preocupar com várias vacinas, entre outros aspectos, é compreensível que elas dêem bastante importância a esse tipo de investimento. Outro resultado interessante foi o fato de mães que passam menos horas com o filho, valorizarem mais o investimento intelectual. Como elas passam pouco tempo com eles, possivelmente o colocam na creche, na escola e portanto a preocupação em procurar boas

instituições de ensino seja mais latente para essas mulheres. Investimento intelectual também se correlacionou negativamente com investimento emocional demonstrando que quanto mais as mães valorizam o desenvolvimento cognitivo do filho, menos elas dão importância à entrega afetiva, ao carinho, à dedicação a criança.

Tabela 04: Correlações significativas entre os tipos de investimento relatados pelos pais e idade do participante

Categorias	Correlações
Investimento social_espíritual e idade do pai	0,30
Investimento emocional e intelectual	-0,47

$p <$ ou igual a 0,05

Observa-se que entre os pais o número de correlações significativas foi menor que das mães. Foi encontrada uma correlação positiva entre a idade e o investimento social-espíritual, assinalando que pais mais velhos valorizam mais o investimento nos aspectos relacionados à criança ter uma boa convivência em sociedade, um bom comportamento em público do que os mais novos. O contrário foi encontrado nos pais franceses da pesquisa de Suizzo (2002), onde os pais mais novos enfatizavam mais uma apresentação apropriada em público. Por fim, percebe-se que da mesma forma que as mães, pais que enfatizam o investimento emocional, valorizam menos o intelectual.

Para buscar compreender de forma mais ampla a concepção de investimento desse grupo de pais e mães, também lhes foi pedido: *Diga as cinco primeiras palavras ou expressões que vem a sua cabeça quando você ouve a expressão "Investimento parental"*. Em resposta a essa pergunta foi relatado pelos participantes um total de 122 palavras ou expressões. Foi realizado um levantamento das mais freqüentes para pais e mães e as mais discordantes entre eles. Os resultados podem ser observados nos gráficos seguintes.

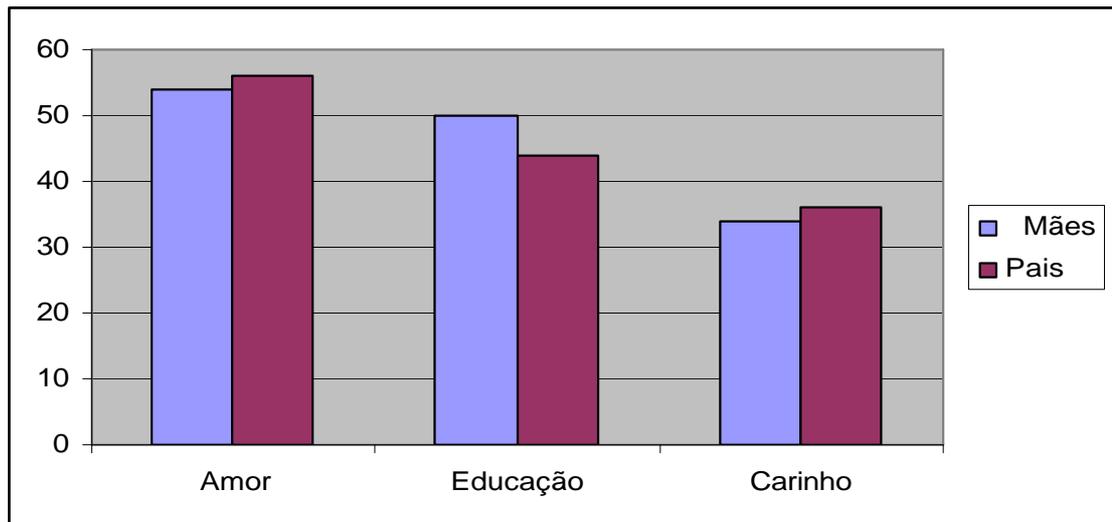


Figura 01: Frequências das palavras que designavam Investimento parental mais faladas pelos participantes

É possível perceber que as palavras ditas com mais frequência foram as mesmas para pais e mães. Em primeiro lugar foi amor, em segundo educação e em terceiro carinho. É interessante ressaltar que duas delas estão relacionadas à questão afetiva (amor e carinho), ao lado emocional, que foi a categoria mais valorizada por pais e mães na primeira pergunta. A outra (educação) tem relação com o investimento intelectual, cognitivo, que foi a segunda categoria mais relatada, confirmando a importância desses dois aspectos.

Quanto aos aspectos que os participantes mais divergiram, a figura 02 pode demonstrar que mães associaram muito mais que os pais a questão da paciência e do dinheiro ao investimento parental. Já eles relacionaram esse conceito à questão da saúde com maior frequência que elas. Novamente pais e mães parecem “inverter” os papéis, com elas enfatizando aspectos financeiros e eles valorizando a saúde, que está diretamente ligada a sobrevivência da criança.

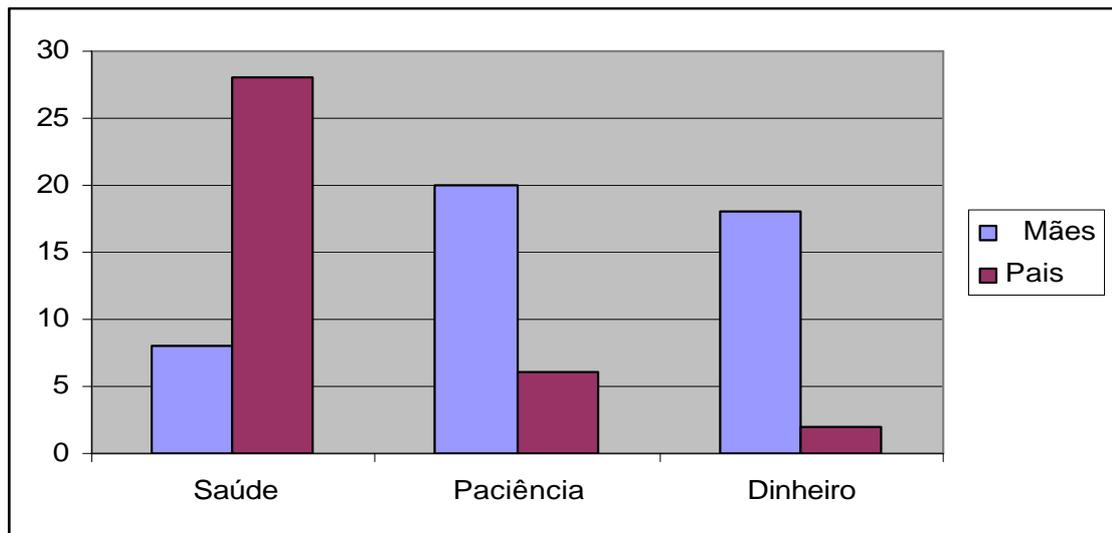


Figura 02: Diferenças nas porcentagens entre pais e mães das palavras e expressões que designavam Investimento parental

Das 122 palavras e expressões que foram encontradas, muitas tinham significados semelhantes, ou se enquadravam em uma mesma idéia de investimento, por exemplo, alguns pais associavam investimento parental a abrir uma poupança, outros diziam economizar, outros falavam de planejamento financeiro, mas tudo estava relacionado a dinheiro. Então, todas essas palavras foram reunidas em uma categoria chamada “dinheiro”. Feito isso com todas as palavras, foi possível agrupá-las em 25 categorias. Partindo dessa nova configuração, foi feito um levantamento das categorias de palavras mais faladas e daquelas que mais apareceram em primeiros lugares.

Entre as mães, as palavras relacionadas à questão afetiva foram mais mencionadas e também consideradas mais importantes, obtendo um grande número de aparições nos primeiros lugares. Os aspectos educacionais também foram muito lembrados e ficaram em segundo lugar em ordem de importância. Em terceiro lugar dos mais mencionados ficaram os cuidados, tendo sido mencionado 22 vezes. No entanto, em importância ela só ficou em primeiro lugar uma vez, aparecendo mais em terceiro e quinto lugares. A questão do tempo, da disponibilidade para estar com a criança ficou em quarto lugar em relação ao total de vezes em que foi expressa, sendo que, em ordem de importância está em melhor posição que os cuidados, pois apareceu mais vezes em primeiro lugar, como mostra a tabela 05:

Tabela 05: Categorias mais faladas e consideradas importantes pelas mães para definir Investimento parental

Palavras	Número de vezes que foram mencionados em ordem de importância					Total de vezes que foram mencionados
	1°	2°	3°	4°	5°	
1° Afeto	28	12	2	3	3	48
2° Educação	9	7	9	5	5	35
3° Cuidados	1	6	5	8	2	22
4° Tempo	4	5	4	5	1	19
10° Ser amigo	0	2	3	2	1	8

A tabela abaixo mostra que as respostas dos pais tiveram uma distribuição parecida com a das mães, mas a questão temporal não foi tão relatada nem considerada importante como para as mães, possivelmente porque eles têm menos tempo para ficar com os filhos. Ser amigo, dar apoio ao filho foram tarefas mais relatadas por eles, embora a ordem de importância não tenha sido tão alta, ao contrário das mães que não valorizaram tanto essa categoria.

Tabela 06: Categorias mais faladas e consideradas importantes pelos pais para definir Investimento parental

Palavras	Número de vezes que foram mencionados em ordem de importância					Total de vezes que foram mencionados
	1°	2°	3°	4°	5°	
1° Afeto	19	12	11	6	6	54
2° Educação	10	12	6	7	1	36
3° Cuidados	8	5	6	7	4	30
4° Ser amigo	1	4	5	4	6	20
6° Tempo	3	1	5	2	3	14

Além dessa análise, também foi feito um escalonamento multidimensional para verificar como as categorias se associavam para pais e mães. Os gráficos seguintes demonstram para ambos, quatro grupos de associação das categorias (Stress=0,28).

Derived Stimulus Configuration

Euclidean distance model

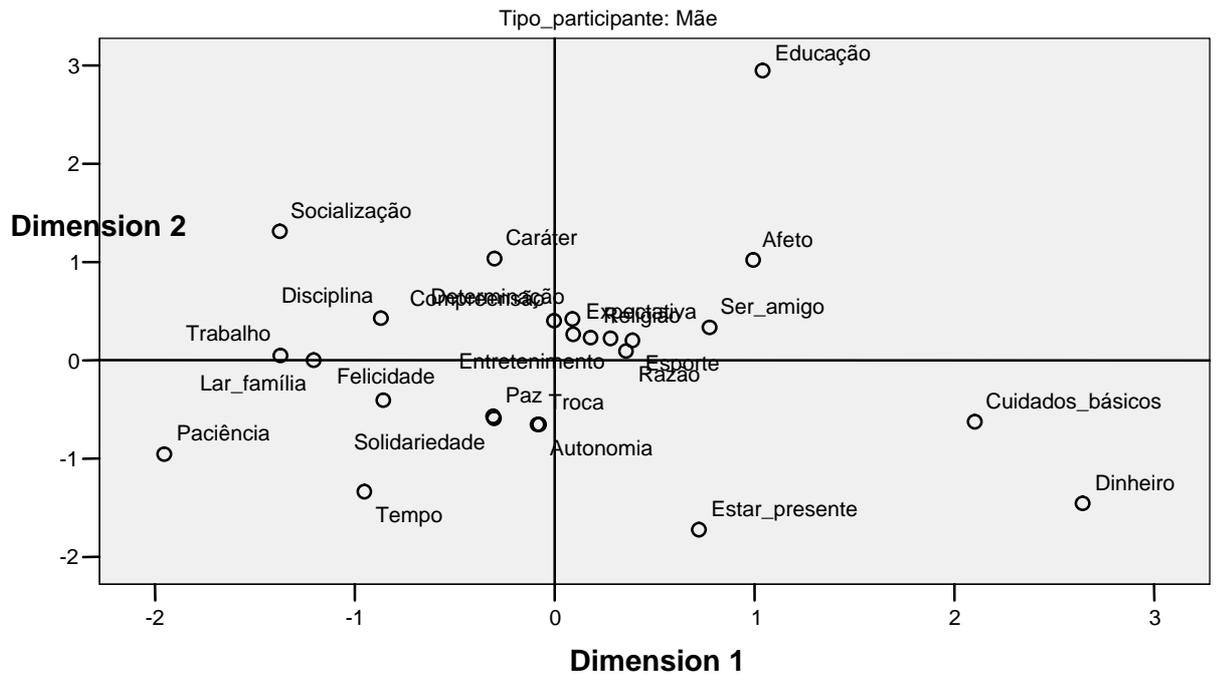


Figura 03: Associação entre as palavras relacionadas pelas mães

Esse gráfico demonstra que para as mães, as categorias associadas foram:

- 1) Socialização (ensinamentos), disciplina, caráter
- 2) Educação, afeto, ser amigo, expectativa, religião, esporte, razão e entretenimento.
- 3) Felicidade, paz, solidariedade, tempo, paciência, troca e autonomia.
- 4) Cuidados básicos, dinheiro e estar presente.

Com isso, observa-se que os aspectos voltados para o desenvolvimento do caráter da criança, sua socialização no sentido de seguir um “bom caminho”, como conversar, orientar; as questões de disciplina (limites) tenderam a aparecer juntos. Esse resultado mostra que, nesse grupo de mães, para se socializar um filho no sentido de orientá-lo para o caminho que se considera correto, é importante que haja respeito, bom comportamento e limites, por exemplo.

Já as questões educacionais, de colocar em uma boa escola, incentivar os estudos; os aspectos afetivos; a amizade entre pais e filho, as expectativas, as questões religiosas, esporte, razão e entretenimento aparecem aqui relacionadas. Nota-se que quando as mães percebem o investimento parental de um ponto de vista educacional, por exemplo, elas também costumam trazer o amor, o carinho, a importância da amizade e da cumplicidade entre pais e filhos, a formação religiosa, a importância da prática de esporte e de lazer como fazendo parte desse investimento. Além disso, elas também falam sobre as expectativas para o futuro, o que parece estar relacionado às questões educacionais: é pensando no futuro que existe a preocupação em colocar o filho em um bom colégio.

Nota-se também que para elas, investimento parental significando tempo, abdicção, está relacionado com paciência, felicidade, paz, solidariedade, troca e autonomia: ao pensar em investimento como em ter tempo para os filhos, se dedicar, elas pensam também em ter paciência, saber esperar.

Por fim, as mães tenderam a associar cuidados básicos, dinheiro e estar presente. Isso indica que para exercer os cuidados como alimentar, vestir, proteger, as mães pensam que é importante que elas estejam por perto. Esse tipo de investimento é visto como envolvendo um gasto financeiro.

No caso dos pais, como pode ser visto na figura 04 as categorias se agruparam da seguinte maneira:

- 1) Socialização (ensinamentos), tempo, compreensão, paciência, disciplina, trabalho, expectativa e determinação.
- 2) Afeto, ser amigo e caráter.
- 3) Estar presente, paz, lar_família, esporte, solidariedade e dinheiro.
- 4) Cuidados básicos, educação e religião.

Derived Stimulus Configuration

Euclidean distance model

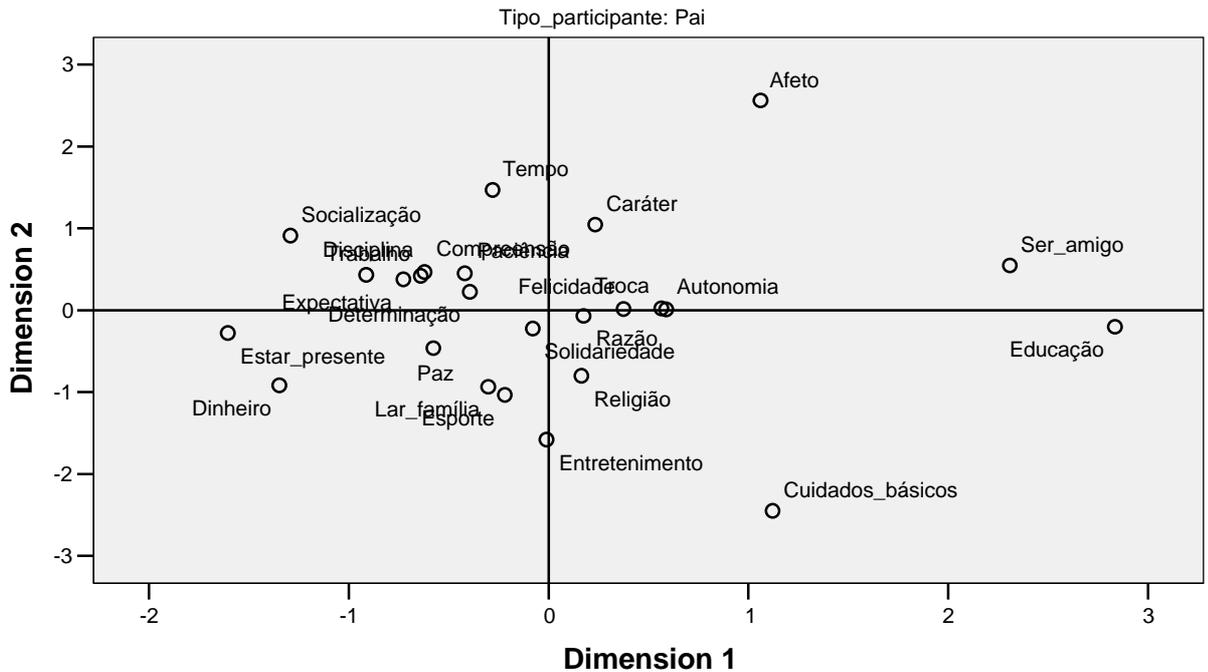


Figura 04: Associação entre as palavras relatadas pelos pais

Assim como com as mães, socialização (ensinamentos) e disciplina se associaram, mas no caso dos pais outros aspectos como tempo, paciência, trabalho, compreensão, expectativa e determinação também apareceram juntos com os temas acima. Trabalho foi um aspecto que não apareceu em nenhum grupo para as mães. No entanto, para eles parece que essa questão do esforço, do sacrifício de criar um filho está associado com o fato de ter que ensinar um bom caminho, dar limites, se dedicar, não desistir, etc.

As categorias relacionadas ao afeto e amizade também tenderam a aparecer juntas no caso dos pais, só que dessa vez acompanhadas de caráter. Novamente os temas estar presente e dinheiro aparecem associados, mas juntos com paz, solidariedade, esporte e lar e família, esse último não tendo pertencido a nenhum grupo no caso das mães. Do mesmo modo, educação e religião permaneceram associadas e dessa vez, junto com cuidados básicos.

É possível perceber que pais e mães apresentaram algumas associações semelhantes, mas também demonstraram diferenças interessantes, como por exemplo a associação de cuidados básicos com dinheiro e presença para elas e para eles com educação e religião. Foi uma configuração bem diferente. Talvez para os pais esses aspectos do cuidado como alimentação, proteção, entre outros, deva ser mais compartilhado com a escola, por exemplo, do que para as mães. As categorias que se encontraram entre um quadrante e outro não foram mencionadas, pois não se enquadraram em nenhum grupo.

Em relação a essa primeira parte sobre o conceito que pais e mães têm sobre investimento parental é possível perceber uma grande valorização do investimento emocional, seguido do investimento intelectual por parte dos dois grupos de participantes. Parece que ao pensar no investimento que deve ser feito na criação de um filho, os aspectos que mais se destacam são a importância da relação afetiva, do amor e do carinho e da busca pelo desenvolvimento educacional, cognitivo. Em termos bem simples, amor e estudo como princípios básicos de investimento parental.

Práticas de investimento relatadas

Para analisar o tipo de investimento que os participantes acreditavam fazer foi feita a seguinte pergunta: *O que você fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?*

Foram encontradas 353 respostas para as mães e novamente um menor número para os pais, 252. A média foi de 7,06 e 5,04 respostas por participantes para mães e pais, respectivamente. Nessa questão é explicável haver um menor número de respostas já que, em geral, os homens passavam menos tempo com seus filhos, pois trabalhavam mais tempo que elas, tendo talvez menos oportunidades de exercerem determinados tipos de investimento.

Tabela 07: Média e desvio padrão das respostas de pais e mães sobre o tipo de investimento que realizam

Sujeitos	Mães		Pais	
	Média	DP	Média	DP
Financeiro	0,08	0,18	0,09	0,21
Emocional	0,29	0,25	0,26	0,26
Cuidados	0,15	0,17	0,12	0,19
Intelectual	0,11	0,18	0,21	0,25
Social Espiritual	0,26	0,25	0,25	0,28
Familiar Pessoal	0,06	0,12	0,01	0,03

Quanto ao investimento realizado, homens e mulheres também diferiram um pouco. Elas apresentaram maior média em questões emocionais, seguidas dos aspectos sociais e religiosos, cuidados básicos, intelectuais, financeiro e por último familiar_pessoal. Os pais parecem investir um pouco mais nos aspectos emocionais, juntamente com os sociais e espirituais, e depois nos intelectuais, nos cuidados, na parte financeira e muito pouco no investimento próprio e familiar. Parece que os participantes dessa amostra buscam estar com seu filho, serem amigos dele, dar afeto e também procuram dar orientação, conversar, ensinar bons hábitos, dar exemplos, etc. No entanto, não relataram investir em si mesmos e na relação familiar com tanta intensidade.

Também foram realizadas análises univariadas (GLM) entre os tipos de investimento que os participantes diziam realizar e as variáveis sociodemográficas e de características dos participantes. Uma das diferenças significativas encontradas foram entre investimento intelectual e o tipo de participante [$F(1,98) = 4,42, p < 0,05$]. Os homens ($M = 0,21, DP = 0,26$) tendem a relatar investir mais intelectualmente nos filhos do que as mulheres ($M = 0,12, DP = 0,19$), ou seja, a busca por boas escolas, cursos, ênfase na estimulação é mais executada por eles.

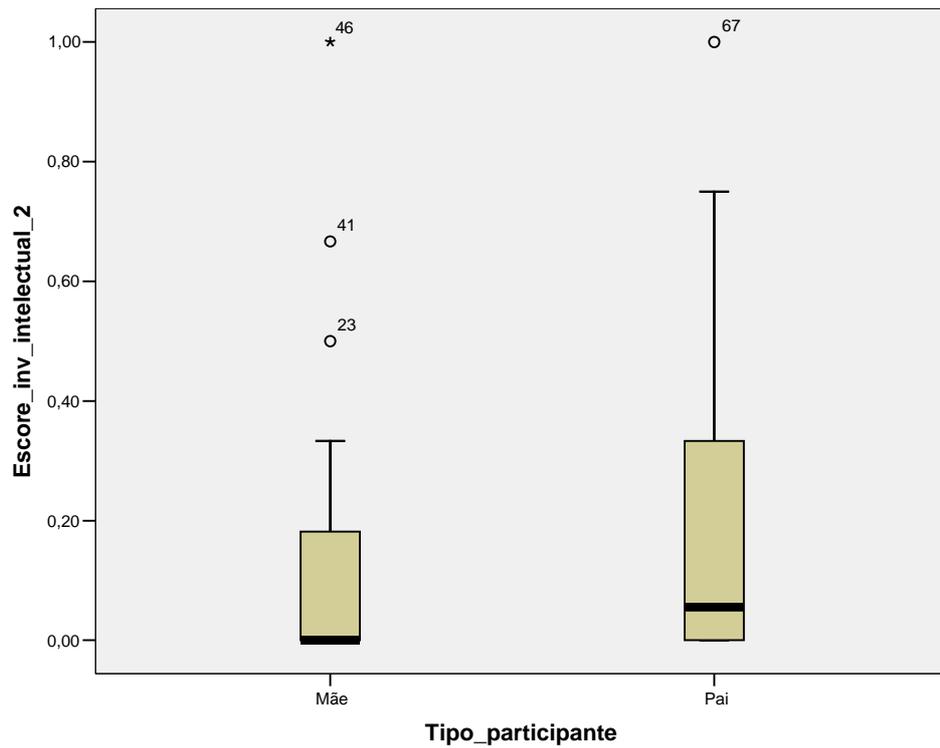


Figura 05: Investimento intelectual de mães e pais

Os outros resultados significativos foram em relação às mães entre investimento em cuidados e sexo do bebê [$F(1,48) = 4,82, p < 0,05$] e convivência com o pai de seu filho e investimento intelectual [$F(1,48) = 4,86, p < 0,05$]. As figuras 06 e 07 ilustram essas diferenças.

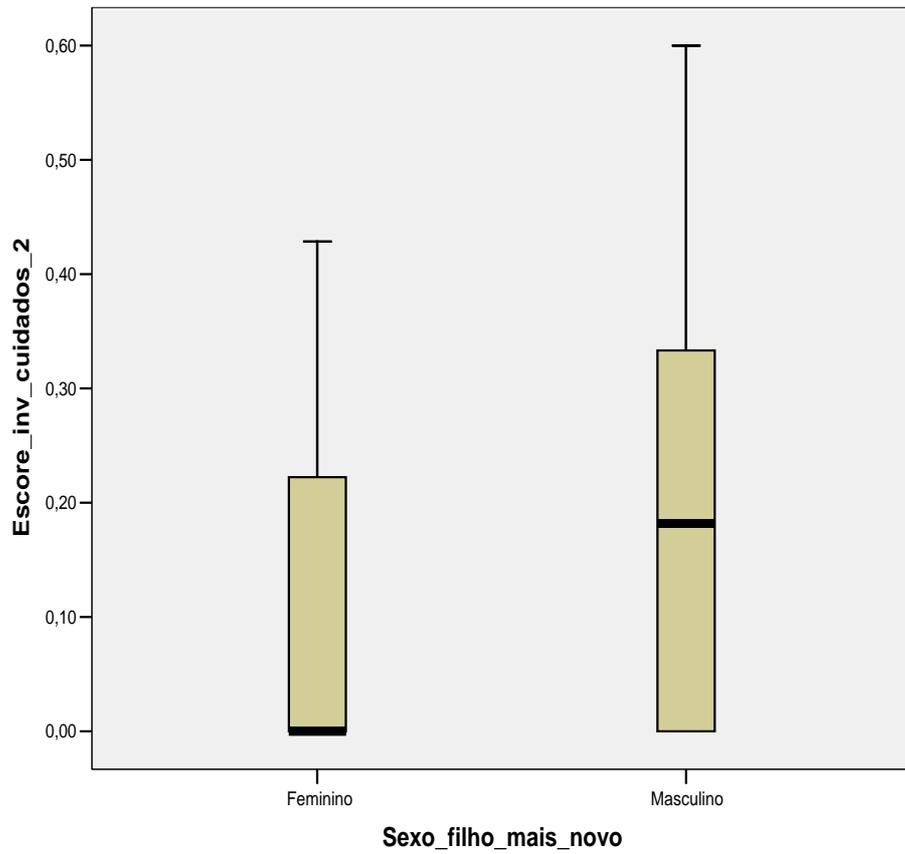


Figura 06: Investimento em cuidados de mães em meninas e meninos

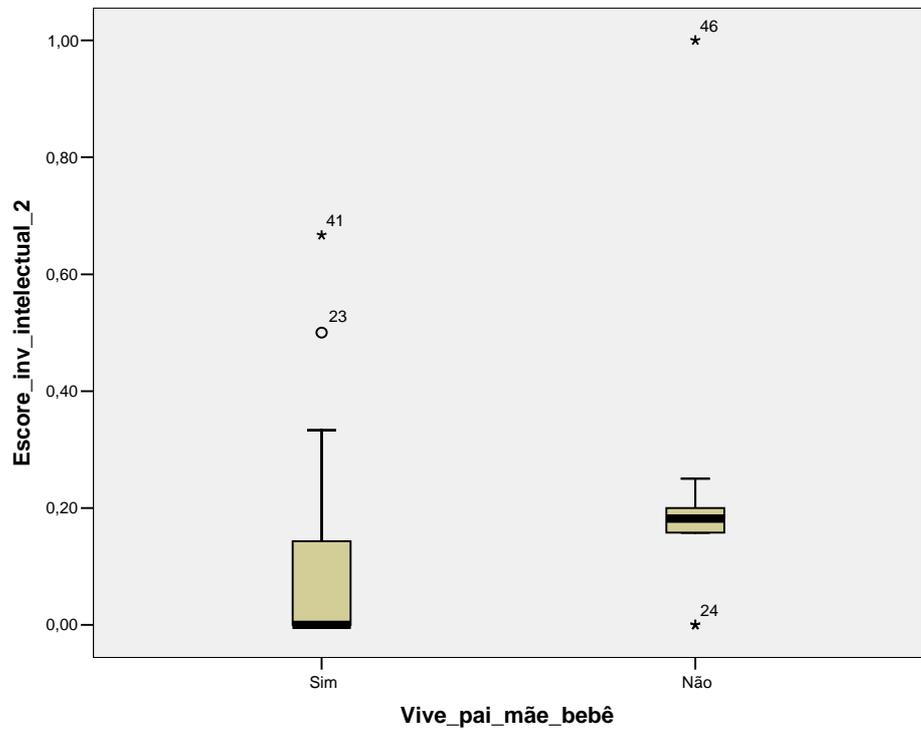


Figura 07: Investimento intelectual de mães que vivem ou não com o pai de seu filho

Pode ser observado que as mães de meninos indicam investir mais em cuidados básicos do que as mães de meninas. Aquelas que tinham filhos homens tiveram uma média de 0,20 ($DP=0,19$) e as mães de meninas de 0,09 ($DP=0,14$). Infelizmente não foram coletados dados sobre status, recursos e possíveis estressores da vida dos participantes e por isso, não temos como comprovar se isso estaria relacionada a hipótese de Trivers-Willard sobre um maior investimento em meninos quando viviam em boas condições.

Percebe-se também que as mães que não vivem com os pais de seu filho ($M=0,24$, $DP=0,30$) relatam investir mais em investimento intelectual do que aquelas que moram juntas com ele ($M=0,09$, $DP=0,14$). Esse resultado, de certa forma, corrobora o anterior sobre os pais investirem mais intelectualmente nos filhos. Talvez as mães que não vivem com os pais da criança busquem investir mais nesses aspectos cognitivos, de estimulação, para compensar essa ausência, ou até mesmo por falta de opção. Não tendo quem se preocupe em procurar boas escolas, por exemplo, a única alternativa é a mãe fazer essa tarefa.

As correlações de Pearson realizadas entre os tipos de investimento e as mesmas variáveis sociodemográficas e de características dos participantes e com o escore da escala de desejabilidade social complementam esses resultados. Para o grupo de mães, observa-se que quanto mais velhos os filhos, mais as mães relatam investir neles intelectualmente. Esse resultado é compreensível, pois essa categoria inclui atividades que se aplicam melhor a crianças um pouco mais velhas, como colocar em cursos, incentivar a leitura, acompanhar os trabalhos de casa, entre outras. Por outro lado, quanto mais elas investem emocionalmente, menos elas exercem os cuidados básicos. Parece que a preocupação em ter que levar ao médico, alimentar, vestir, proteger deixa a parte afetiva um pouco de lado. Também foi observado que quanto mais filhos, menor é o investimento na orientação, na exposição à convivência com outras pessoas e na formação religiosa, o que se contrapõe ao que foi encontrado anteriormente, onde o número de filhos se correlacionou positivamente com o investimento social-espiritual. Talvez exista uma vontade em exercê-lo, mas que talvez a maior quantidade de crianças, impossibilite de alguma forma.

Apenas a categoria investimento social-espiritual apresentou uma correlação positiva com a escala de desejabilidade social. Isso demonstra que as mães com alto escore de

desejabilidade social, ou seja, que poderiam ter mais respostas voltadas para aquilo que é socialmente aceito, relataram com mais frequência que ensinam, orientam e se preocupam em dar uma formação moral e religiosa para os filhos.

Tabela 08: Correlações significativas entre os tipos de investimento realizados pelas mães e as variáveis idade do filho, número de filhos e desejabilidade social

Categorias	Correlações
Investimento intelectual e idade do filho	0,40
Investimento emocional e em cuidados	-0,30
Investimento social_espiritual e nº de filhos	-0,30
Investimento social_espiritual e desejabilidade social	0,39

p< ou igual a 0,05

Quanto aos resultados encontrados para os pais, percebe-se que da mesma forma que as mães, quanto mais velhos os filhos, mais os pais relatam investir intelectualmente neles. Seabra (2007) em sua pesquisa constatou o inverso, eles sendo mais engajados nas questões escolares quando os filhos eram menores. Por outro lado, quanto mais velhos os filhos, menor é o investimento no aspecto emocional, como dar carinho, estar presente, ser participativo na vida da criança. Esse resultado talvez seja contrário ao que foi encontrado por Fouts (2008) com povos forrageadores da África, onde ele identificou uma maior proximidade e contato físico entre pais e filhos quando a criança era mais velha. Para os participantes dessa amostra é possível que acreditem que o lado afetivo seja mais necessário quando as crianças são menores, não sendo tão necessário à medida que vão crescendo. Além disso, quanto maior o investimento nos aspectos afetivos, menos intensidade é dada na questão cognitiva, confirmando o resultado da parte de crenças. Do mesmo modo, quanto mais filhos, menor a dedicação, a presença, o afeto, possivelmente pela falta de tempo visto que naturalmente os homens já passam menos tempo com os filhos e quanto maior o número de crianças, mais essa atenção precisa ser dividida. Foi encontrada uma correlação negativa entre o investimento em cuidados básicos e os aspectos sociais e a questão espiritual, indicando que quanto maior o investimento na saúde, proteção, alimentação, por exemplo, menos os pais investem em conversar, orientar e ensinar bons hábitos aos filhos.

Tabela 09: Correlações significativas entre os tipos de investimento realizados pelos pais e as variáveis idade do filho e número de filhos

Categorias	Correlações
Investimento intelectual e idade do filho	0,32
Investimento emocional e idade do filho	-0,36
Investimento emocional e intelectual	-0,36
Investimento emocional e número de filhos	-0,36
Investimento em cuidados e social_espiritual	-0,34

$p <$ ou igual a 0,05

Assim como concordaram com a grande importância do investimento emocional na primeira pergunta, pais e mães relataram exercer esse tipo de investimento mais intensamente do que os outros. No entanto, parecem investir em si mesmo e na estrutura familiar bem menos do que talvez desejassem.

Relação entre importância e práticas relatadas

Na tentativa de se encontrar diferenças ou semelhanças entre os investimentos que os participantes disseram ser necessários e aqueles que eles admitiram fazer, foi realizada uma correlação de Pearson entre eles, considerando significativo $p <$ ou igual a 0,05. Foram encontrados resultados significativos apenas para as mães entre investimento intelectual necessário e emocional que realiza (-0,29). Quanto mais elas valorizam o investimento cognitivo, menos elas se dedicam às questões emocionais como estar próximo, dar afeto, etc. Parece existir uma forte separação entre o investimento afetivo e cognitivo, pois várias correlações negativas foram encontradas entre esses dois aspectos, como se ao investir no desenvolvimento cognitivo, na estimulação, houvesse uma tendência a deixar o afeto um pouco de lado.

Foram também realizados testes-t em cada categoria para verificar possíveis diferenças entre o que os participantes diziam ser importante e aquilo que eles de fato relatavam fazer. Os resultados se encontram nas tabelas 10 e 11:

Tabela 10: Resultados significativos do teste-t entre os investimentos relatados como importantes e praticados pelas mães

Categorias	Média	Desvio	Teste-t (p < 0,05)
Cuidados (importância)	0,08	0,14	
			-2,98
Cuidados (realiza)	0,16	0,18	
Intelectual (importância)	0,22	0,28	
			2,40
Intelectual (realiza)	0,12	0,19	
Social-espiritual (importância)	0,17	0,23	
			-2,09
Social-espiritual (realiza)	0,26	0,25	

Tabela 11: Resultado significativo do teste-t entre os investimentos relatados como importantes e praticados pelos pais

Categorias	Média	Desvio	Teste-t
Social-espiritual (importância)	0,14	0,24	
			-2,06
Social-espiritual (realiza)	0,25	0,29	

É possível observar que as mães parecem realizar mais as tarefas de cuidado como limpar, alimentar, etc, do que relataram como sendo atividades importantes. Talvez isso possa ser tão natural para elas que ao serem perguntadas sobre o que se deve fazer para investir em um filho, esse tipo de investimento não venha muito a cabeça, pois o consideram tão básico e necessário. No entanto, quando são perguntadas sobre o seu investimento com o filho e começam a pensar na sua rotina com ele, esses cuidados básicos de limpar, alimentar, proteger parecem aparecer com mais frequência. Percebe-se também que essas mães acreditam que colocar em boas escolas, incentivar os estudos, sejam aspectos importantes, no

entanto, elas o valorizam mais do que realizam esse investimento intelectual. O contrário acontece com o investimento social-espiritual, onde elas dizem executar mais as atividades de orientação, ensino de bons modos e boa convivência do que relatam como sendo importante. Em relação aos pais observa-se que eles, assim como as mães realizam mais atividades voltadas para orientação, ensino e formação religiosa do que relataram como sendo atividades importantes de serem feitas pelos genitores.

Para tentar perceber mais claramente essas divergências foi realizado uma análise qualitativa, observando o relato dos participantes nas respostas das perguntas sobre o que valoriza e o que pratica. É possível perceber algumas diferenças. Abaixo seguem alguns exemplos de respostas aparentemente “contraditórias”.

Mãe 11

1) Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância?

“Acho que podem procurar profissionais que entendam como é ter um bebê, o que é criar um bebê, as especificidades da criação de uma criança pequena, porque a gente não é preparado pra fazer isso quando tá grávida, nem grávido, né? E muitas coisas acontecem com o próprio casal quando o filho nasce e a gente não sabe lidar com as situações que aparecem. Então...eu acho que se procurar uma ajuda especializada e entender o que são os seus próprios limites, o que que você acha que é correto, conversar um pouco sobre o que é correto fazer ou não na criação dos filhos. E também, na minha opinião...é...nem tudo que a gente aprende a gente consegue fazer na prática. Então, ter um pouco de jogo de cintura para as situações que se apresentam.”

3) E você, o que fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?

“Eu tento passar o máximo de tempo que eu posso com ele, brincar, escutar, respeitar, mas trabalhar, né? Senão não dá pra investir, educação. E escutar, achar uma boa escola, achar pessoas em quem eu possa confiar quando eu não esteja por perto. Acho que é isso, estar por perto mesmo quando ele precisa, levar ao médico, ver as coisas, estar atento as situações que eu acho que são importantes estar atento.”

Nesse caso, a resposta da primeira pergunta foi voltada integralmente para o investimento de si mesmo, como ter que procurar ajuda especializada para aprender a criar melhor do seu filho. Entretanto, na segunda resposta esse aspecto não foi mencionado. Curiosamente, foi o único investimento que ela não citou que pratica. Ela relatou o investimento financeiro, quando disse que trabalha; o emocional, passando bastante tempo com o filho; os cuidados básicos, levando ao médico; o intelectual procurando uma boa escola e o social, brincando com ele.

Mãe 12

1) Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância?

“Ah, eu acho...assim...que tem que tá junto, acompanhar, enfim...Mas dentro desse tá junto, acompanhar, é ter um mínimo de separação da criança mesmo, assim, de ver que é uma outra pessoa de que as suas vontades não têm a ver com as vontades dela, que...que ela tem vontades próprias pra idade dela, seja de uma mês de idade, seja com três anos de idade, que as fantasias lá do casal, de repente resguardem a criança com relação a perspectiva deles, né, da vida deles, enfim... de poder deixar a criança preservada. Eu acho importante isso. Pra criar desde bebê, desde que nasceu, desde que tá na barriga, né? Isso e acompanhar, tá próximo mesmo, ver o que tá acontecendo, como é que tá, como é que ele tá, que que tá dizendo, se tá...é enfim...de acompanhar a criança mesmo, no cotidiano. Isso, essas duas coisas eu acho importante. Uma certa separação da criança, no sentido de...de...assim...né...de que é outra pessoa e poder acompanhar essa outra pessoa. É isso.”

3) E você, o que fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?

“Difícil isso, né? Faz um monte de coisa ou não faz nada. Eu acho que eu tento fazer isso, mas o que eu acho que é importante pra todo mundo, acho importante pra todo mundo porque pra mim também é muito importante e eu vejo que isso tem uma função é preciosa pra criança, que é ter essa circulação na família, com outras pessoas sem ser o pai e a mãe, né. Desde pequenininho, de ter uma circulação de amigos, com amigos, enfim...não necessariamente os do colégio, mas ter um certo laço social com a vizinhança. É...ensinar, mostrar as coisas, ensinar as coisas no sentido de mostrar coisas diferentes, enfim... então de...de... de poder tá apresentando coisas que não aparecem no cotidiano normalmente aonde a gente mora, tipo, vai num show da maracatu, vai num show de capoeira, ao invés de só aquelas coisas mais, de festa de aniversário, que mais? Dar limite mesmo pra situações do dia-a-dia, até porque a minha filha é filha única, então, senão, vai pro beleléu. De colocar uma coisa assim mesmo, né, de direitos, de deveres e de respeito ao outro, muito assim...o tempo todo, de encher o saco dela, mas assim, pede desculpa, pro senhor, enfim, pra senhora, pro colega, enfim...essa coisa de poder se colocar na frente do outro minimamente respeitando, assim, desde pequenininho mesmo, assim. Acho que o que eu tenho feito mais é isso, fora dar comida, essas neuroses assim: “Tem que comer, senão vai ficar doente, não tem apetite”, mas zelar por uma alimentação legal, entendeu, de não dar um monte de abobrinha pra comer, de besteira pra comer, enfim... Isso, assim, de determinar uma coisa de qualidade de vida e de certa forma não tenha a ver com uma coisa de consumismo maluco, não, né. Apesar da gente adorar um FMNI, isso aí coitada, vai por identificação, mas eu pelo menos tento apontar que existem outras coisas para além do que ela vê a mãe gostando: sapato, roupa, essas coisas. É isso.”

Na primeira pergunta, que buscava perceber o que ela considerava importante para se investir em um filho, a sua resposta foi muito voltada para o investimento emocional de estar perto, acompanhando a criança. No entanto, na pergunta sobre o que de fato ela fazia, em nenhum momento ela relatou esses aspectos e enfatizou principalmente o investimento social,

de estar com os amigos, de ensinar a respeitar os outros, além da participação familiar e dos cuidados básicos.

Pai 36

1) Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância?

“Primeiro é na base da família, né. Você tem que ter uma estrutura familiar. Se você não tiver uma estrutura familiar essa criança não vai ter... não tem futuro. Então, você tem que ter a estrutura dela de família, a presença do pai, da mãe. Você tem que pensar no futuro.”

3) E você, o que fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?

“Primeiro, aquilo que eu falei, ficar o máximo de tempo perto dela, entendeu, brincando com ela o tempo que eu posso e curtir momentos que são momentos que passam muito rápido. Isso pra formar a personalidade dela, entendeu? A gente pensando em um futuro dela, aí a gente tem todo um investimento, a parte financeira. É... na falta, a gente tem que pensar também na sua falta, a sua falta. A gente vive numa cidade muito violenta, entendeu? Eu posso sair daqui e sofrer um acidente. O faltar perto dela, entendeu? Como é que ela vai ter um caminho, então, a gente já tem algumas coisas, na parte inclusive financeira, seguro, isso tudo tem que ter pra não deixar eles desamparados. Mas investir principalmente na personalidade dela, dar educação, dar carinho, entendeu? Estar presente. Isso que tem que ter.”

Esse pai destacou a importância do investimento na família, de ter uma boa estrutura familiar, mas relatou investir na parte financeira, nos aspectos emocionais e sociais, sem mencionar a questão a familiar.

Pai 50

1) Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância?

“Primeiro lugar na saúde da criança. Fazer com que ele seja bem cuidado pelos médicos, orientado, vacinação, essas coisas. É... na educação, assim que atingir a idade de estudo, é... fazer com que a criança tenha uma boa educação pra ser um adulto que tenha um futuro pela frente, né? Que tenha uma faculdade em seguida.”

3) E você, o que fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?

“É, a princípio eu procuro conversar, orientar as coisas que são certas, as coisas que são erradas. É...porque fundamental na educação de um filho é a troca de idéias, orientação. Você tem que conversar sobre as coisas que acontecem no mundo. Porque hoje o mundo é um mundo muito difícil de ser vivido, então, as crianças precisam de muita conversa pra não cair nas armadilhas da vida. Eu acho que hoje em dia o que falta realmente é o diálogo entre o pai e o filho, ou a mãe e os filhos. Por que se houvesse esse tipo de conversa a criação...as pessoas seriam mais educadas, existiria menos violência. É por aí.”

Observa-se que há uma valorização do investimento nos cuidados básicos e nos aspectos cognitivos, os quais não são relatados na resposta da pergunta sobre as práticas, onde a ênfase é total nos aspectos sociais.

Esses relatos podem confirmar a não linearidade que existe na relação entre crenças e práticas, mostrando que o que se pensa nem sempre condiz com o que se faz (Lightfoot e Valsiner, 1992). Isso está muito relacionado também com as expectativas que cada um tem. Muitas vezes as pessoas desejam fazer algo que consideram importante, mas nem sempre é possível que elas consigam. Como exemplo podemos citar o fato das mães valorizarem o incentivo intelectual, mas não praticarem tanto. É possível que elas não tenham tanto tempo ou dinheiro para tal. Às vezes não dá para fazer o que se deseja, mas sim aquilo que está a seu alcance. Por outro lado, é possível que não se dê tanta importância a certo tipo de investimento, como foi o caso do social e espiritual para pais e mães, mas na prática a situação é diferente. Mesmo não valorizando tanto as questões relacionadas à orientação, formação religiosa, bons hábitos, ao se deparar com uma situação social que seja necessário exercer esse investimento, pais e mães parecem que tendem a praticá-lo. Pensando em um exemplo prático: Um casal está almoçando com a filha em um restaurante e a menina resolve sentar em cima da mesa. É possível que a criança até faça isso em casa e os pais não se incomodem, mas por acharem que socialmente esse comportamento não é correto e que as outras pessoas esperam uma atitude dos pais, eles possivelmente irão repreender a menina. O fato de ter sido encontrado uma correlação positiva entre a escala de desejabilidade social e esse tipo de investimento confirma essa preocupação dos participantes em relatar ações ou até mesmo exercê-las para serem “politicamente corretos”.

Indicação de importância e realização de práticas de investimento: Inventário de atividades de investimento parental

O inventário sobre práticas parentais permite a complementação dos dados acima, para que se busque um panorama mais amplo do sistema de crenças sobre investimento parental dos participantes. Ele oferece dados sobre a importância atribuída a diversas práticas e o quanto os respondentes relatam colocá-las em prática. Inicialmente foi realizado um levantamento para verificar quantos e quais itens receberam nota 0, ou seja, não foram considerados como fazendo parte do investimento parental. Para homens e mulheres as

atividades de dormir junto (26 participantes) e colocar na creche (20 participantes) foram aquelas que mais eles desconsideraram como sendo uma forma de investir nos filhos. Foi comum durante a coleta de dados os participantes relatarem que o filho está na creche, mas por total falta de opção ou que a criança dorme com os pais de vez em quando, mas que eles não acham que isso deve ser feito. Isso é mais um exemplo da não equiparidade entre crenças e práticas. O item “orientar na escolha de uma religião”, foi apontado apenas pelos homens (6 participantes) como não sendo uma forma de investimento.

ANOVAS realizadas para cada item comparando-se as respostas dos dois grupos (pais e mães) ofereceram os seguintes resultados significativos. Em todos eles, as médias das mães são superiores às dos pais.

Tabela 12: Médias das atividades consideradas importantes com diferenças significativas entre pais e mães

Sujeito	Mãe		Pai		F	df
	Média	DP	Média	DP		
Realizar/ Participar exames pré-natais	4,96	0,28	4,56	0,79	11,45	1, 98
Amamentar/participar da amamentação até seis meses	4,78	0,54	3,96	1,47	13,67	1, 98
Evitar acidentes	4,72	0,64	4,32	0,98	5,85	1, 98
Ouvir o que tem a dizer	4,92	0,27	4,70	0,61	5,35	1, 98

$p < 0,05$

Em relação às atividades que relatam realizar, as mulheres também apresentam maiores médias nas seguintes atividades:

Tabela 13: Médias das atividades com diferenças significativas relatadas como praticadas por pais e mães

Sujeito	Mãe		Pai		F	df
	Média	DP	Média	DP		
Realizar/ Participar exames pré-natais	5	0,00	4,02	1,13	27,56	1, 98
Socorrer quando está chorando	4,54	0,73	4,18	0,80	5,49	1, 98
Manter limpo	4,86	0,35	4,62	0,63	5,47	1, 98
Cuidar para que durma e descanse	4,82	0,44	4,46	0,81	7,60	1, 98
Amamentar/Participar da amamentação até seis meses	4,70	0,86	4,04	1,32	8,72	1, 98
Levar ao pediatra regularmente	4,78	0,65	4,26	1,05	8,93	1, 98
Levar ao médico quando doente	4,98	0,14	4,64	0,69	11,56	1, 98
Manter as vacinas em dia	4,92	0,27	4,70	0,68	4,53	1, 98
Explicar coisas	4,82	0,38	4,54	0,76	5,36	1, 98
Ouvir o que tem a dizer	4,83	0,38	4,61	0,58	4,79	1, 91
Estar atento ao que a criança quer ou sente	4,78	0,42	4,48	0,73	6,29	1, 98
Cuidar da alimentação	4,46	0,86	3,72	1,30	11,32	1, 98
Supervisionar as brincadeiras	4,62	0,67	4,18	0,95	7,01	1, 97
Cuidar que ande com boas companhias	4,82	0,52	4,18	1,29	11,59	1, 98
Ensinar os bons costumes	4,90	0,36	4,69	0,62	4,09	1, 97

p<0,05

As atividades relacionadas ao investimento parental foram sempre mais relatadas como realizadas pelas mães. O quadro acima mostra que muitos itens estão relacionados aos cuidados primários como amamentar, levar ao médico, vacinar, cuidar da alimentação, entre outros. Esse resultado apoia o que foi discutido anteriormente sobre as mães praticarem fortemente os cuidados básicos, embora não o valorizem tanto. Parece que para os participantes desse estudo as mulheres continuam as principais cuidadoras, corroborando a teoria de Trivers (1972) de que elas precisam investir mais devido ao seu alto investimento ao longo do processo reprodutivo. Entretanto, resultados anteriores demonstraram que a preocupação com os cuidados é maior entre os homens. Isso talvez indique um processo de mudança. É possível que as mulheres ainda permaneçam cuidando mais dos filhos que homens, mas que eles já estejam tendendo para uma maior participação nessa tarefa, até mesmo porque as médias dos pais nas atividades não foram baixas, mostrando que eles estão exercendo as tarefas de cuidado, sendo que a participação materna ainda é mais intensa. Isso talvez possa confirmar o que Woodward e Richards (2004) relataram em seu estudo: uma maior preocupação de homens e mulheres na escolha de parceiros quando a possibilidade de existir um filho era grande, demonstrando a possibilidade de um investimento mais igualitário na prole. Ainda não parece ser igual, mas pode ser que esteja no caminho para que isso aconteça.

Foi realizado também um levantamento com as atividades de maior e menor média para pais e mães. Para elas, as atividades mais destacadas foram: Dar carinho e amor ($M = 4,98$ $DP=0,14$), fazer exames pré-natais ($M = 4,96$, $DP= 0,28$) e dar vacinas ($M = 4,94$, $DP= 0,24$). As consideradas menos importantes foram: dar boas roupas ($M = 2,82$ $DP = 1,56$), colocar na creche ($M = 2,78$, $DP 1,71$) e dormir junto ($M = 1,64$, $DP = 1,40$).

Já as atividades que mais realizam foram: Fazer exames pré-natais ($M=5,00$ $DP=0,00$), Ensinar o que é certo e errado ($M= 4,98$ $DP=0,14$), dar carinho e amor ($M=4,98$ $DP=0,14$) e levar ao médico quando está doente ($M=4,98$ $DP=0,14$). Aquelas que menos realizam foram: Carregar no colo ($M=3,78$ $DP=0,95$), colocar na creche ($M=3,50$ $DP=1,72$) e dormir junto ($M=2,98$ $DP=1,48$).

Essa grande realização de práticas voltadas para a saúde (fazer os exames e levar ao médico), para a relação afetiva (dar carinho e amor) e para as questões voltadas para as relações com a sociedade (ensinar o que é certo e errado) confirma os resultados encontrados na pergunta aberta com as mães relatando exercerem em primeiros lugares os investimentos emocionais, sociais e de cuidados básicos.

No caso dos pais, eles valorizaram mais atividades como: Dar carinho e amor ($M=4,98$ $DP=0,14$), explicar coisas ($M=4,88$ $DP=0,33$) e conversar ($M=4,84$ $DP=0,42$). E também deram pouca importância para: Dar boas roupas ($M=3,00$ $DP=1,60$), colocar na creche ($M=2,80$ $DP=1,83$) e dormir junto ($M=2,02$ $DP=1,62$).

Quanto as atividades que realizam, aquela com maiores médias foram dar carinho e amor ($M=4,92$ $DP=0,34$), ensinar a ter bom caráter ($M=4,90$ $DP=0,37$) e ensinar o que é certo e errado ($M=4,90$ $DP=0,31$). E as que tiveram média menor foram: Orientar na escolha de uma religião ($M=3,47$ $DP=1,63$), dormir junto ($M=3,14$ $DP=1,35$) e colocar na creche ($M=3,10$ $DP=1,83$).

As atividades mais praticadas pelos pais também estão de acordo com os resultados anteriores, pois, assim como as mães, eles relataram exercer principalmente os investimentos emocionais e sociais, o que fica demonstrado na realização de atividades como dar carinho e amor e ensinar a ter bom caráter. A baixa valorização e realização das atividades de colocar na creche e dormir junto está refletindo o resultado encontrado acima em que foram as atividades mais assinaladas como não fazendo parte do investimento parental. O fato dos homens relatarem exercer pouco a atividade de orientar uma religião também corrobora o fato deles, diferente das mães, não considerarem tanto essa atividade como uma maneira de investir nos filhos. No geral, parece que há uma certa coerência entre as crenças e as práticas relatadas por ambos os pais.

Em relação às palavras acrescentadas pelos participantes nos quadros, houve 16 pais que desejaram relatar outras atividades que eles consideravam como fazendo parte do Investimento parental, totalizando 20 atividades. São elas: ter paciência; mostrar o Deus verdadeiro; ensinar a respeitar as pessoas; saber o comportamento com os colegas da escola; amar os avós; ensinar o filho a amar a si mesmo e ao próximo; praticar esporte (três vezes);

interagir com os filhos; ensinar a respeitar a família e os idosos; cumprir as leis; não deixar que a criança se torne submissa a outras; bom relacionamento entre os pais; controlar o uso da TV; fazer a criança participar das tarefas do dia-a-dia; servir de exemplo; a criança entender que seus pais se amam e estão ali para apoiá-la; saber dizer não para a criança; tentar buscar um local menos violento; estipular limites e mostrar os erros.

Quanto às mães, 21 mulheres fizeram acréscimos nos quadros dando um total de 27 atividades: Ensinar a respeitar o ser humano, a natureza; ensinar a compartilhar; rigidez com limites; dar um sentido de família para a criança, ser temente a Deus; brigar, dar castigo; trabalhar as expectativas, as frustrações; apresentar aspectos culturais; incentivar a proximidade com outros membros da família, além dos pais; estar sempre em contato com as pessoas que cercam a criança; dar bons exemplos (duas vezes); dar limites (duas vezes); ensinar o respeito ao próximo e as diferenças; auxiliar na independência da criança; deixar que a criança tenha suas próprias opiniões; praticar esporte (duas vezes); respeitar os pontos de vista da criança; ler para a criança; brincar junto com a criança; ensinar valores imutáveis como respeito ao próximo, caridade; dar um conceito de família; passar os valores familiares; mostrar que a criança não é o centro de tudo; mostrar que as pessoas têm o seu espaço; orar pelos filhos; estimular o relacionamento humano e o contato com a natureza e demonstrar amor pelos filhos.

Pais e mães deram muitas respostas voltadas para a valorização da família (ex: amar os avós, respeitar a família, dar um conceito de família, etc.) e dos valores para uma boa convivência em grupo (ex: ensinar a respeitar as pessoas, ensinar a compartilhar, mostrar que a criança não é o centro de tudo, etc).

No geral, os participantes relataram realizar as atividades mencionadas na mesma proporção que as consideravam importantes. Todos receberam nota 4 ou 5 tanto para valorização quanto para realização, exceto o item sobre prática de esporte. Ele foi acrescentado cinco vezes e também recebeu notas 4 ou 5 quanto a sua importância, contudo, em relação a realização, por três vezes as respostas foram nunca, raramente e as vezes. Foi o item que mais se repetiu e também o que menos os participantes parecem realizar. Mais um exemplo da dificuldade em se colocar em prática tudo aquilo que se deseja.

Esse acréscimo de atividades voltadas para a família foi curioso, pois na pergunta aberta sobre o que faziam para investir em seu filho, esse foi o tipo de investimento menos relatado por pais e mães. Pode ser um indício de que ele não seja tão pouco praticado como aparentou ser pelos resultados anteriores.

Investimento e ciclo vital: até quando se investe nos filhos?

Com relação à segunda pergunta foi observada a frequência de cada categoria que indica até que fase pais e mães acreditam ser necessário o investimento nos filhos. Os resultados podem ser observados na tabela abaixo:

Tabela 14: Percentual de respostas de pais e mães em relação ao tempo de investimento

Categorias	Frequências	
	Mães	Pais
Apenas na infância	6%	2%
Entrada na idade adulta	10%	18%
Até se tornar independente	14%	18%
Sempre	64%	52%
Sem tempo determinado	6%	10%

Nota-se que a maior parte dos pais e mães acredita que o investimento parental deve ser realizado por toda vida. Não existiria um limite, um momento em que o filho deixaria de precisar de investimentos. Foram muito comuns frases do tipo:

“Ah, é um processo contínuo, sempre, né, e...vai depender muito do... e aí...é um processo que você tem que acompanhar, analisar, ver o que precisa ser feito, ver onde você precisa dar uma mexida, enfim...eu acho que sempre, é um processo contínuo.” (Mãe 02)

“Eu acho que é um cuidado pra vida inteira. Não tem quando, até quando precisa fazer esse investimento. Acho que é um investimento pra vida, né, desde o momento que você tem, você vai investir nele enquanto você puder, enquanto você viver.” **(Mãe 14)**

“Eu acho que enquanto for filho. Sempre, sempre.” **(Pai 08)**

A segunda mais freqüente categoria foi “até se tornar independente”, como relatado por esses pais:

“Até quando ele tiver estudando e não for independente.” **(Mãe 07)**

“Ah eu acho que a criança que diz, né, o ser, a pessoa que vai dizer até quando você vai precisar dar esse suporte. Por que eu acho que chega um momento da vida, que a criança, ou adolescente ou adulto que vai dizer: “Olha, já sei o meu caminho”. Aí começa a trilhar o seu caminho e não precisar tanto desse seu suporte, desse seu apoio. Então, acho que quem diz é ele. Não somos nós que dizemos quando temos que parar. Acho que a criança que diz.” **(Pai 40)**

Outros acreditam que o investimento precisa ser realizado até o filho entrar na idade adulta, como mostra as seguintes falas:

“Na verdade até a faculdade, né, no caso esse valor seria pra investir na faculdade, agora o investimento ele tem que ser feito realmente. Desde pequeno, né... pagar uma boa escola, dar uma boa educação em casa, acompanhar os estudos em casa também, né? Mas isso aí eu acho que a gente tem que preparar até a faculdade.” **(Mãe 01)**

“Até ela se tornar maior de idade.” **(Pai 06)**

Alguns disseram que esse investimento não tem tempo determinado. Exemplos:

“Acho que é por tempo indeterminado, enquanto a gente puder, enquanto der.” **(Mãe 31)**

“Enquanto a gente puder investir na criança. Quando for adulto também. Enquanto eu puder eu vou investir na minha filha.” **(Pai 03)**

Poucos consideraram que o investimento deve ser feito apenas na infância. Alguns exemplos foram:

“Eu acho que até os 10 anos. Aos 10 anos você tem que ficar assim, em cima, depois disso, eu acho que quando entra na adolescência, muita coisa você já colocou, então a adolescência é mais pra esclarecer, é uma coisa de direcionar, porque se você quiser colocar essas coisas na adolescência, ele já tá...já tá começando a questionar mais, então vai ficar mais difícil você colocar. Então, acho que assim...aos 10 anos... entrar no ginásio eu acho que já...já vai perguntar: “Porque, mas porque que eu posso, mas porque que eu

não posso. Então, acho que vai ficar mais difícil. Esse investimento acho que tem que ser até os 10 anos.” (**Mãe 28**)

“Meu filho agora está na fase de dois anos. Então, no começo da criança, nos primeiros meses, a gente sempre tem que ter o cuidado com a criança, né. Eu acho, pelo mesmo, no período até os seus cinco anos, eu acho que a gente tem que prestar atenção bastante nas atitudes, na reação da criança e procurar o melhor método que possa, assim, ajudar no desempenho dele, estudando a criança, a gente vai acompanhando, vai estudando ele e vai ver aonde ele possa chegar.” (**Pai 09**)

A maioria dos participantes acredita que os pais devem investir nos filhos por toda vida, que o investimento parental não tem fim. É compreensível esse pensamento visto que o investimento mais valorizado foi o emocional e de todos eles, talvez esse seja o tipo de investimento mais razoável se ser feito por toda vida. Os outros tipos provavelmente terão um fim em algum momento. Exemplos: quando o filho deixa de ser criança, não necessita tanto dos pais para comer, dormir, se proteger, ou seja os cuidados primários vão cessar. Além disso, em um determinado momento os filhos começam a trabalhar e não dependem mais dos pais financeiramente. Filhos adultos geralmente também não precisam tanto dos pais dizendo o que é certo e errado, o que deve ser feito ou não. Entretanto, dar amor, carinho, estar junto com o filho, não precisa ter fim. O investimento emocional é oportuno em qualquer etapa da vida.

Considerações finais

O presente estudo tinha como meta pesquisar as crenças que pais e mães tinham sobre investimento parental e o que eles relatavam fazer para investir em suas crianças. Buscava-se também identificar diferenças entre homens e mulheres, além de identificar possíveis aspectos que poderiam influenciar essas crenças, tais como características sociodemográficas. Acredita-se que os objetivos tenham sido alcançados e que tenha tido resultados interessantes.

Foi encontrada uma grande valorização do investimento emocional, demonstrando que pais e mães acreditam que para se fazer um bom investimento nos filhos é necessário dar muito amor, carinho, estar presente, enfim, demonstrar afeto por eles. Os participantes dessa amostra não só creem nisso, como também parecem exercer todas essas atividades. Homens e mulheres também valorizam bastante o investimento cognitivo nos filhos, mas eles relatam praticá-lo mais do que elas. Em seguida é dada grande importância à estimulação para as relações sociais e religiosas. No relato de práticas depois do investimento emocional foram enfatizados o social e religioso, seguido de cuidados para as mães e intelectual para os pais. Ambos relataram investir pouco em si mesmo e na estrutura familiar.

Pensando nos sistemas parentais e nas trajetórias de socialização relatadas por Keller e Chasiotis (2007), é possível que exista uma tendência dos participantes dessa pesquisa a apresentarem uma orientação relacional, pois houve uma grande valorização e realização dos aspectos afetivos que envolvem dar carinho, estar perto, que estão de acordo com o estilo proximal. Do mesmo modo, o investimento social foi bastante realizado, demonstrando uma preocupação com as relações interpessoais e a vida em sociedade, o que também é peculiar das trajetórias relacionais. Entretanto, a ênfase nas questões cognitivas, de preocupação com escola, incentivos e estimulação, talvez indique uma dupla orientação, caracterizando o modelo autônomo-relacional para pais e mães desse estudo.

Foram encontrados curiosos resultados que indicavam uma maior preocupação com os cuidados básicos por parte dos homens, embora ele ainda seja realizado mais intensamente pelas mulheres. No geral, parece que as mães ainda investem um pouco mais na prole, principalmente em relação a esses cuidados básicos, talvez até pelo tempo que elas tenham a mais para ficar com os filhos, já que trabalham menos. Até mesmo durante a coleta de dados,

pode-se observar que geralmente eles tinham mais pressa, perguntando o tempo de duração da pesquisa, além de ser um pouco mais difícil de marcar as entrevistas com os homens.

Ainda assim, parece que existe uma tendência de maior participação paterna, concordando com o estudo de Piccinini e col (2004), sobre os pais estarem mais envolvidos e participativos na criação dos filhos. É possível que esses pais estejam exercendo a paternidade com manifestações de mudança, da mesma forma que Seabra (2007) observou nos pais de seu estudo.

O fato de haver uma grande realização do investimento afetivo também por parte dos homens é bastante intrigante já que esta não é a imagem usual dos mesmos, e agora parecem estar emocionalmente mais ligados aos filhos, corroborando o estudo de Romanelli (2003) que encontrou uma maior proximidade e afetividade entre pais e filhos. Outra característica masculina que não foi confirmada, contrariando a Teoria da Seleção sexual, foi a tendência de estratégia reprodutiva quantitativa para os homens, pois assim como as mulheres, eles parecem apresentar uma estratégia mais qualitativa já que em média eles têm menos de dois filhos.

Foi muito interessante perceber que os pais e mães, em sua maioria, acreditam em um investimento vitalício para os filhos. Mais interessante ainda era que no momento em que a pergunta era feita, comumente a resposta era um “sempre”, com um ar de “isso é coisa que se pergunte?” parecendo ser algo tão natural para eles que nem precisava ser tema de pesquisa. Acredita-se que para grande parte dos participantes dessa amostra, ter um filho é assinar um contrato de investimento perpétuo.

Foram constatadas algumas diferenças entre as crenças e práticas parentais em relação a outros estudos realizados em outros contextos, o que comprova o caráter não universal e estáticos das crenças. Assim como divergências entre crenças e o relato de práticas puderam ser percebidas confirmando a relação não causal entre elas (Lightfoot & Valsiner, 1992).

É comum encontrar muitos estudos sobre crenças de cuidados parentais, no entanto, investimento parental não envolve apenas os cuidados básicos, como ficou demonstrado nesta pesquisa. Embora tenha sido relatado como praticado, este aspecto não foi o mais destacado. Muitas vezes considera-se que investir é apenas realizar os cuidados primários, mas existem outros tipo de investimento e que podem ser relacionar com o princípio básico da Teoria do

Investimento parental, que afirma um maior investimento na prole para que ela atinja a idade adulta e com isso aumente o sucesso reprodutivo dos genitores (Trivers, 1972). É possível pensar que outros aspectos também se coadunam com a teoria, pois na espécie humana apenas alimentar e proteger, não garante a atividade reprodutiva da prole no futuro. Atualmente as pessoas se planejam muito para ter filhos, esperando primeiro uma estabilidade financeira, que acontece através do seu estudo e do seu trabalho. Além disso, para encontrar parceiros, precisam se relacionar com as pessoas, precisam ter afeto, demonstrando que investimentos tais como, intelectual, social e emocional, por exemplo, também podem estar relacionados com a idéia principal da Teoria do Investimento Parental.

Este estudo teve resultados interessantes, podendo contribuir um pouco para o estudo das crenças e do investimento parental, principalmente em relação aos pais, que muitas vezes são preteridos nessas pesquisas. Entretanto apresenta algumas limitações, pois outros aspectos que poderiam afetar o tema em questão como nível socioeconômico, situação familiar e conjugal, entre outros, não foram abordados, além de ter um pequeno número de participantes, sendo a maioria de nível de escolaridade alto. Para aprofundar mais o assunto poderiam ser realizados, por exemplo, estudos longitudinais, com mães e pais de outros contextos e de diferentes níveis de escolaridade. Sendo assim, acredita-se que outros estudos ainda precisam ser realizados e que esse foi um primeiro passo para tentar investigar essas crenças sobre investimento parental.

Referências bibliográficas

- Ades, C. (2009). Um Olhar Evolucionista para a Psicologia. Em: Yamamoto, M. E. & Otta, E. *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Borrione, R.T.M. & Lordelo, E.R. (2005). Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: uma perspectiva desenvolvimental. *Interação em Psicologia*, 9, 1, 35-43.
- Brasileiro, R.F.; Feres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, 33, 289-310, Porto Alegre.
- Bussab, V.S.R. (2000). A família humana vista da perspectiva etológica: natureza ou cultura? *Interação Curitiba*, 4, 09-22.
- Bussab, V. S. R. & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. Em: Souza, L., Freitas, M.F.Q & Rodrigues, M. M. P. (Orgs). *Psicologia reflexões (im) pertinentes* (pp.175-224). Ed. Casa do psicólogo.
- Cheah, C.S.L. & Chirkov, V. (2008). Parent`s personal and cultural beliefs regarding young children. *Journal of cross-cultural psychology*, 39, 4, 402-423.
- Cosmides, L. & Tooby, J. (1999). Evolutionary psychology: a primer. Center for evolutionary psychology. <<http://www.psych.ucsb.edu/research/cep/primer.html>>
- Crepaldi, M.A., Andreani, G., Hammes, P.S., Ristof, C. D. & Abreu, S.R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em estudo*. 11,3,579-587.
- Daly M, Wilson M (2005). Human behavior as animal behavior. Em Bolhuis, J. J. & Giraldeau, L.A. (Orgs). *Behavior of animals: mechanisms, function, and evolution*. (pp. 93-408).Oxford: Blackwell Publishing.
- Fouts, H. N. (2008). Father involvement with young children among the Aka and Bofi foragers. *Cross-cultural research*. 42, 3, 290-312.
- Fromhage, L.; Elgar, M.A. & Schneider, J.M. (2005). Faithful without care: the evolution of monogyny. *Evolution*, 59, 7, 1400-1405.
- Gamble, W.C.; Ramakumar, S.; Diaz, A. (2007). Maternal and paternal similarities and differences in parenting: An examination of Mexican-American parents of young children. *Early childhood research Quarterly*, 22, 1, 72-88.

- Geary, D.C. (1998) Paternal investment. Em: Geary, D.C. *Male, female: The evolution of human sex differences* (pp 97-119). Hardcover.
- Geary, D.C. (2005) Evolution of paternal investment. Em: Buss, D. *The handbook of evolutionary psychology* (pp.483-505). New Jersey: John Wiley & Sons Inc.
- Geary, D.C. & Flinn, M. V. (2001). Evolution of Human Parental Behavior and the human family. *Parenting: Science and practice*, 1,1 and 2, 5-61.
- Goodnow, J. J. (1988). Parents' ideas, actions, and feelings: models e methods from developmental e social psychology. *Child Development*, 59, 286-320.
- Goodnow, J.J. (1996) From household practices to parents' ideas about work and interpersonal relationships. Em: S. Harkness & C. M. Super, *Parent's cultural belief systems: their origins, expressions, and consequences*. (pp. 313-344). New York and London: The Guilford Press.
- Greenfield, P.M.; Flores, A.; Davis, H. & Salimkhan, G. (2008). What happens when parents and nannies come from different cultures? Comparing the caregiving belief systems of nannies and their employers. *Journal of applied developmental psychology*, 99, 4, 326-336.
- Griggio, M. & Pilastro, A. (2007) Sexual conflict over parental care in a species with female and brood desertion. *Animal behavior*, 74, 4, 779-785.
- Guggenheim, C.B.V. (2005). *Lost daughters and fragile sons: patterns of differential parental investment across thirty-five countries*. Tese de doutorado. Department of Psychology, Tehe university of Arizona.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1992). Parental ethnotheories in action. Em: I. S. Siegel; A. V. McGillicudy-DeLisi & J. Goodnow (Orgs.) *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 373-392). Hillsdale, NJ e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.
- Harkness, S. & Super, C.M. (1994). Developmental niche: a theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science and Medicine*, 38, 2, 219-226.

- Harkness, S. & Super, C.M. (1996). Introduction. Em: S. Harkness & C. M. Super, *Parent's cultural belief systems: their origins, expressions, and consequences*. (pp. 1-23). New York and London: The Guilford Press.
- Huber, B.R. & Breedlove, W.L. (2007). Evolutionary theory, kinship, and childbirth in cross-cultural perspective. *Cross-cultural research*, 41,2, 196-219.
- Izar, P. (2009). Ambiente de adaptação evolutiva. Em: Yamamoto, M. E. & Otta, E. *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. Em:T., Feres-Carneiro. (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*, 55-69. Rio de Janeiro: NAU.
- Kagitçibasi, Ç. (1996) The autonomous-relational self: a new synthesis. *European Psychologist*, 1,3,180-186.
- Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: a conceptualization of early ontogenetic experiences. Em: H. Keller, Y. H. Poortinga & A. Schölmerich (Orgs.), *Between Culture and Biology: perspectives on ontogenetic development* (pp.215-240). Cambridge: Cambridge University Press.
- Keller, H.; Borke, J., Jensen, H., Lohaus, A. & Yovsi, R. (2005) Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (3), 229-237.
- Keller, H. (2005) *Parenting, culture, and development a comparative study*. Instituto de Investigaciones Psicológicas.
- Keller, H. & Chasiotis, A. (2007). Maternal investment. Em Salmon, C.A. & Shackelford, T.K.(Orgs), *Family relations: an evolutionary perspective* (pp.96-111). Oxford: Oxford University Press.
- Lampert, A. (1997). *The evolution of love*. Praeger. Westport.
- Leyendecker, B.; Lamb, M. E.; Harwood, R. L. & Sholmerich, A. (2002). Mothers' socialization goals and evaluating of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 248-258.

- Lightfoot, C. & Valsiner, J. (1992). Parental belief systems under the influence: social guidance of the construction of personal cultures. Em: I. S. Siegel; A. V. McGillicuddy-DeLisi & J. Goodnow (Orgs.) *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 393-414). Hillsdale, NJ e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.
- Lordelo, E.R., Fonseca, A.L. & Araújo, M.L.V.B (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 1, 73-80.
- Lordelo, E.R., França, C.B., Lopes, M.S., Dacal, M.P.O., Carvalho, C.S., Guirra, R.C. & Chalub, A. A. (2006). Investimento parental e desenvolvimento da criança. *Estudos de psicologia*, 11, 3, Natal: 257-264.
- Lucas, T.; Parkhill, M.R.; Wendorf, C.A.; Imamoglu, E.O.; Weisfels, C.C.; Weisfwld, G.E. & Shen, J. (2008). Cultural and evolutionary components of marital satisfaction: A multidimensional assessment of measurement invariance. *Journal of cross-cultural psychology*, 39,1, 109-123.
- Martins, G. D. F.; Macarini, S. M.; Vieira, M. L.; Seidl-de-Moura, M. L.; Bussab, V. L. R.; Cruz, R. M. Construção e validação do Inventário de crenças parentais sobre práticas de cuidado (ICPPC) na primeira infância. *Revista Brasileira de Avaliação Psicológica* (submetido em 2009).
- Miller, S.A. (1988) Parent`s beliefs about children`s development. *Child Development*, 59, 259-285.
- Muzio, P. A. (1998). Paternidade (ser pai)...para que serve? Em: Silveira, P. (Org.). *Exercício da paternidade* (pp.165-174). Porto Alegre: Artes médicas.
- Oliva, A.D. (2004). *A noção de estado inicial na explicação do comportamento humano: considerações de uma perspectiva analítico-comportamental*. Em: Seidl-de-Moura, M. L. (Org.) *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento* (pp.155-203). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Parisotto, L.; Guaragna, K.B.A.; Vasconcelos, M.C.; Strassburger, M.; Zunta, M.H. & Melo, W.V. (2003). Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. *Revista de psiquiatria do Rio grande do sul*, 25,1, Porto alegre:75-87.

- Piccinini, C.A., Silva, M. R., Gonçalves, R.T., Lopes, S.R. & Tudge, J. (2004) O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 303-314.
- Quinlan, R.J. & Quinlan, M.B. (2007) Evolutionary ecology of human pair-bonds: cross-cultural tests of alternative hypotheses. *Cross-cultural research*, 41, 2, 149-169.
- Ribas, R. C. Jr. (2004) *Cognição de mães brasileiras acerca da maternidade do desenvolvimento humano: Uma contribuição ao estudo da psicologia parental*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, UERJ.
- Ribas, R. C. Jr., Seidl-de-Moura, M.L., Hutz, C.S. (2004) Adaptação brasileira da escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne. *Avaliação psicológica*, 3(2), 89-92.
- Ribas, R. C., Jr., & Bornstein, M.H. (2005) Parenting knowledge: Similarities and Differences in Brazilian mothers and fathers. *Interamerican Journal of Psychology*, 39, 1, 5-12.
- Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 2, 79-95.
- Santana, L.S. (2006). Crenças maternas e práticas de cuidado. *Monografia apresentada como requisito ao título de Psicólogo ao Instituto de Psicologia da Uerj*.
- Schmitt, D.P. (2005). *Fundamentals of human mating strategies*. Em: Buss, D. (Org). The handbook of Evolutionary Psychology. (pp.258-291). New Jersey: John Wiley & Sons Inc.
- Seabra, K. C. (2007). *A paternidade em famílias urbanas: análise da participação do pai na creche-escola e nos cuidados com o filho*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, UERJ.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2003). *Metas de socialização em mães primíparas em um modelo de cognições e valores parentais*. Projeto de Pesquisa (não publicado), Rio de Janeiro: UERJ.
- Seidl-de-Moura, M.L. & Ribas, A. (2004). *Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas*. Em: Seidl-de-Moura, M. L. (Org.) O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento (pp.155-203). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Seidl-de-Moura, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista. Em: Pontes, F.A.R. (Org) *Temas pertinentes à construção da Psicologia contemporânea* (pp.191-230). Belém: EDUFPA.
- Seidl-de-Moura, M.L. (2006) *Investimento e cuidado parentais: aspectos biológicos, ecológicos e culturais*. Sub-projeto integrante da projeto O moderno e o ancestral: a contribuição da Psicologia evolucionista para a compreensão dos padrões reprodutivos e de investimento parental humano aprovado pelo CNPq no edital Instituto do Milênio. Rio de Janeiro.
- Seidl-de-Moura, M.L. & Ribas, A. (2009). Evolução e desenvolvimento humano. Em: Yamamoto, M. E. & Otta, E. *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Sigel, I. E. (1992). The Belief-Behavior Connection: A Resolvable Dilemma? Em: I. E. Siegel; A. V. McGillicuddy-DeLisi & J. Goodnow (Orgs.) *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 433-456). Hillsdale, NJ e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.
- Snowdon, C.T. (1999). O significado da pesquisa em comportamento animal. *Estudos de psicologia*,4,2, 365-373.
- Storey, A. E., Walsh, C.J., Quinton, R.L., Wynne-Edwards, K.E. (2000). Hormonal correlates of paternal responsiveness in new and expectant fathers. *Evolution and human behavior* 21, 79-95.
- Suizzo, M.A. (2002). French parents` cultural models and childrearing beliefs. *International Journal of behavioral development*, 26, 297-307.
- Sviatopolk-Mirsky, V.V. (2002). *Ciúme romântico evolucionismo e aprendizagem social*. Dissertação de mestrado. Curso de mestrado em sexologia, Universidade Gama Filho.
- Tomasello, M. (2001). Cultural transmission: A view from chimpanzees and human infants. *Journal of cross-cultural psychology*, 32, 2, 135-146.
- Toni, P.M., Salvo, C.G., Marins, M.C. & Weber, L.N.D. (2004). Etologia Humana: o exemplo do apego. *PsicoUSF*, 9, 1, 99-104.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. Em: Campbell, B. *Sexual selection and the descent of man*. (pp. 136-179). Chicago: Aldine.

- Trivers, R. L. (1985). Female choice. Em: *Social evolution* (pp. 331-360). The Benjamin/Cummings.
- Trivers, R. L. (1985). Parental investment and sexual selection. Em: *Social evolution* (pp. 203-238). The Benjamin/Cummings.
- Trivers, R. L. (1985). Species with male parental investment. Em: *Social evolution* (pp. 239-270). The Benjamin/Cummings.
- Tudge, J.; Hayes, S.; Doucet, F.; Otero, D.; Kulakova, N.; Tammeveski, P.; Meltsas, M. & Lee, S. (2000). Parents' Participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 17,1, 1-10.
- Tulviste, T. & Ahtonen, M. (2007). Child-rearing values of Estonian and Finnish mothers and fathers. *Journal of cross-cultural psychology*, 38, 2, 137-155.
- Vieira, M. L. & Prado, A. B. (2004) *Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil*. Em: Seidl-de-Moura, M. L. (Org.) *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*, 155-203. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vieira, M.L.; Rímoli, A.O.; Prado, A.B. & Chelini, M.O.M. (2009) Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da História de vida e da Teoria do Investimento parental. Em: Yamamoto, M. E. & Otta, E. *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Waynforth, D., Hurtado, A. M. & Hill, K. (1998) Environmentally contingent reproductive strategies in Mayan and Ache males. *Evolution and Human Behavior*, 19, 369-385.
- Weber, L.N.D. (2004). A evolução das relações parentais: uma abordagem etológica. *Psicologia Argumento*, 22 (38), 19-26.
- Woodward, K. & Richards, M.H. (2004). The parental investment model and minimum mate choice criteria in humans. *Behavior ecology*, 16(1), 57-61.
- Yamamoto, M.E. (2009) Introdução: aspectos históricos. Em: Yamamoto, M. E. & Otta, E. *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Anexo I



Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Sr2 Comissão de Ética em Pesquisa – COEP

Rua São Francisco Xavier, 524, bloco E, 3º. andar, sala 3018 - Maracanã.
CEP 20550-900 – Rio de Janeiro, RJ.
E - mail: etica@uerj.br - Telefone: (21) 2569-3490

PARECER COEP 035/2008

A Comissão de Ética em Pesquisa – COEP, em sua 6ª Reunião Ordinária em 14 de julho de 2008, analisou o protocolo de pesquisa n.º. **014.3.2008**, segundo as normas éticas vigentes no país para pesquisa envolvendo sujeitos humanos e emite seu parecer.

Projeto de pesquisa: “Crenças e investimento parentais”

Pesquisadora Responsável: Maria Lucia Seidl de Moura

Mestranda: Tatiana Targino Alves Bandeira

Instituição Responsável: Instituto de Psicologia - UERJ

Área do Conhecimento: 7.00- Ciências Humanas – 7.07 - Psicologia

Palavras-chave: investimentos parentais, crenças parentais, psicologia evolucionista

Sumário: Sabe-se que bebês humanos nascem muito dependentes, precisando de alguém que cuide deles e em geral são os pais quem exercem esta função. Para os genitores é importante investir em seus filhos, pra que eles sobrevivam e com isso aumentem a chance de um maior sucesso reprodutivo por parte dos pais. Como homens e mulheres geralmente não investem na prole da mesma forma, este trabalho vem investigar de que maneira pais e mães do RJ o fazem.

Trata-se de uma pesquisa a ser realizada com 50 casais, maiores de 18 anos residentes no RJ e que tenham pelo menos um filho até 6 anos e a metodologia prevê a aplicação de um questionário com perguntas sobre o que eles acreditam que seja investir nos filhos e o que eles efetivamente fazem em relação a isso.

Objetivo: Investigar o que pais e mães do estado do RJ acreditam que seja investimento parental e o que eles fazem para investir em seus filhos.

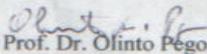
Considerações Finais: O projeto apresenta clareza, objetividade e concisão. O estudo é pertinente e de valor científico. O currículo da pesquisadora responsável comprova experiência e capacitação para realização da proposta.

Após o atendimento à solicitação do Parecer COEP n.º023/2008, a Comissão deliberou pela **aprovação** do projeto.

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - **previsto para julho de 2009**, para cumprir o disposto no item VII. 13.d da RES. 196/96/CNS. Além disso, a COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Situação: Projeto Aprovado

Rio de Janeiro, 21 de julho de 2008.


Prof. Dr. Olinto Pêgoraro

Coordenador da Comissão de Ética em Pesquisa - UERJ

Anexo II

Idade:

Sexo:

Estado Civil:

Escolaridade:

Profissão:

Bairro onde mora:

Bairro onde trabalha:

Dias que trabalha por semana:

Horas que trabalha por dia:

Nº de filhos:

Idade do filho mais novo:

Sexo do filho mais novo:

Horas que passa com o filho por dia:

Pessoa que mais toma conta de seu filho durante o dia:

Questionário

- 5) Um casal acaba de ter um bebê. O que você acha que eles devem fazer para investir na criação dele desde a infância? E até quando eles precisam fazer esse investimento?
- 6) Diga as cinco primeiras palavras ou expressões que vem a sua cabeça quando você ouve a expressão “Investimento parental”.
- 7) Assinale na lista abaixo o que você considera que faz parte do investimento de pais na criação de seus filhos e dê uma nota de 0 a 5.

	Faz parte (X)	Importância				
		Pouco Importante 1	Razoavelmente Importante 2	Mais ou menos Importante 3	Importante 4	Muito importante 5
1. Realizar exames médicos pré-natais.						
2. Socorrer quando está chorando.						
3. Manter limpa.						
4. Cuidar para que durma e descanse.						
5. Não deixar que passe frio ou calor.						
6. Carregar no colo.						

7. Ter sempre por perto.						
8. Dormir junto.						
9. Tentar amamentar até seis meses.						
10. Passar um tempo brincando com a criança.						
11. Levar ao pediatra regularmente.						
12. Levar ao médico quando está doente.						
13. Manter as vacinas em dia.						
14. Tentar evitar que se acidente (cuidados de segurança).						
15. Conversar.						
16. Explicar coisas.						
17. Ouvir o que tem a dizer.						
18. Responder a perguntas.						
19. Responder de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto da criança.						
20. Estar atento ao que a criança quer ou está sentindo.						
21. Dar carinho, amor						
22. Colocar na creche.						
23. Colocar na escola.						
24. Ajudar nos trabalhos de casa.						
25. Levar para passear.						
26. Cuidar pessoalmente da alimentação (fazendo ou supervisionando)						
27. Dar boas roupas						
28. Dar brinquedos.						
29. Supervisionar as brincadeiras.						
30. Cuidar que ande com boas companhias.						
31. Abrir uma poupança						
32. Ensinar o que é certo e errado						
33. Estar presente nos primeiros momentos importantes da vida da criança. Ex: 1º dia na escola						
34. Mostrar os deveres dele						
35. Ensinar os bons costumes						
36. Ensinar a ter bom caráter						
37. Orientar na escolha de uma religião						
38. Ensinar a amar os pais						
39. Outros _____						

8) E você, o que fez ou faz para investir na criação do seu filho até agora?

9) Marque o quanto você realiza ou realizou cada uma das tarefas abaixo.

Itens	Realizou				
	Nunca 1	Raramente 2	As vezes 3	Quase sempre 4	Sempre 5
1. Realizar exames médicos pré-natais.					
2. Socorrer quando está chorando.					
3. Manter limpa.					
4. Cuidar para que durma e descanse.					
5. Não deixar que passe frio ou calor.					
6. Carregar no colo.					
7. Ter sempre por perto.					
8. Dormir junto.					
9. Tentar amamentar até seis meses.					
10. Passar um tempo brincando com a criança.					
11. Levar ao pediatra regularmente.					
12. Levar ao médico quando está doente.					
13. Manter as vacinas em dia.					
14. Tentar evitar que se acidente (cuidados de segurança).					
15. Conversar.					
16. Explicar coisas.					
17. Ouvir o que tem a dizer.					
18. Responder a perguntas.					
19. Responder de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto da criança.					
20. Estar atento ao que a criança quer ou está sentindo.					
21. Dar carinho, amor					
22. Colocar na creche.					
23. Colocar na escola.					
24. Ajudar nos trabalhos de casa.					
25. Levar para passear.					
26. Cuidar pessoalmente da alimentação (fazendo ou supervisionando)					
27. Dar boas roupas					
28. Dar brinquedos.					
29. Supervisionar as brincadeiras.					
30. Cuidar que ande com boas companhias.					
31. Abrir uma poupança					
32. Ensinar o que é certo e errado					
33. Estar presente nos primeiros momentos importantes da vida da criança. Ex: 1º dia na escola					
34. Mostrar os deveres dele					
35. Ensinar os bons costumes					

36. Ensinar a ter bom caráter					
37. Orientar na escolha de uma religião					
38. Ensinar a amar os pais					
39. Outros _____					

Folha de relatório

Nome da mãe: _____

Nome do pai: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Observações: _____

Data: _____

Código: _____

IV. DESCRIÇÃO PESSOAL

Abaixo são apresentadas frases ou afirmações que uma pessoa poderia usar para descrever a si mesma. Leia cada afirmação e decida se ela descreve ou não você. Se você concordar com uma afirmação ou achar que ela descreve você, faça uma linha em volta da letra "V" ("Verdadeiro"), na frente da frase. Se você discordar da afirmação ou achar que ela não descreve você, faça uma linha em volta da letra "F" ("Falso") na frente da frase.

Responda cada afirmação com "V" ou "F", mesmo que você não tenha certeza de sua resposta.

- 1 V F Antes de votar eu examino detalhadamente o currículo de todos os candidatos.
- 2 V F Eu não tenho dúvidas de fazer qualquer coisa para ajudar alguém em dificuldades.
- 3 V F Algumas vezes é difícil eu continuar com meu trabalho se eu não sou encorajado.
- 4 V F Eu nunca tive uma forte antipatia por ninguém.
- 5 V F Em algumas ocasiões eu tive dúvidas sobre minha capacidade para vencer na vida.
- 6 V F Às vezes eu me ressinto quando não consigo fazer o que eu quero.
- 7 V F Eu sou sempre cuidadoso com a minha maneira de vestir.
- 8 V F Meus modos na mesa são tão bons em casa quanto são na rua, quando eu como fora, em um restaurante por exemplo.
- 9 V F Se eu tivesse certeza que ninguém iria me ver, eu provavelmente entraria num cinema sem pagar a entrada.
- 10 V F Algumas vezes eu desisti de fazer coisas porque achei que não era capaz.
- 11 V F De vez em quando eu gosto de fofocar.
- 12 V F Em algumas ocasiões eu senti vontade de me rebelar contra chefes ou pessoas no comando, mesmo sabendo que elas estavam certas.
- 13 V F Eu sou sempre um bom ouvinte, não importa com quem eu esteja conversando.
- 14 V F Eu lembro de ter fingido estar doente para escapar de alguma coisa.
- 15 V F Houve ocasiões em que me aproveitei de alguém.
- 16 V F Eu estou sempre disposto a admitir, quando eu cometo um erro.
- 17 V F Eu tento sempre agir da mesma maneira como digo aos outros para fazer.
- 18 V F Eu não acho tão difícil lidar com pessoas desbocadas e desagradáveis.

- 19 V F Às vezes, em lugar de perdoar e esquecer, eu procuro me vingar.
- 20 V F Quando eu não sei alguma coisa eu não me importo nem um pouco em admitir.
- 21 V F Eu sou sempre educado, mesmo com pessoas desagradáveis.
- 22 V F Às vezes eu realmente insisto para fazer as coisas do meu jeito.
- 23 V F Em algumas ocasiões senti vontade de quebrar as coisas.
- 24 V F Eu nunca deixaria que outra pessoa fosse castigada por meus erros.
- 25 V F Eu nunca fico chateado quando me pedem para retribuir um favor.
- 26 V F Eu nunca fico irritado quando pessoas expressam idéias muito diferentes das minhas.
- 27 V F Eu nunca saio de casa para um passeio longo sem verificar se o gás está desligado.
- 28 V F Em certas ocasiões eu senti bastante inveja da boa sorte dos outros.
- 29 V F Eu quase nunca tenho vontade de dar uma resposta malcriada a alguém.
- 30 V F Às vezes eu fico irritado com pessoas que pedem favores a mim.
- 31 V F Eu nunca achei que fui castigado sem uma razão.
- 32 V F Às vezes eu penso que quando acontece uma coisa ruim com as pessoas é porque elas mereceram.
- 33 V F Eu nunca falei de propósito alguma coisa que tenha magoado alguém.

Anexo III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: Crenças sobre investimento parental

Coordenadora: Tatiana Targino Alves Bandeira.

Orientadora: Prof^a Maria Lucia Seidl-de-Moura.

1. Natureza da pesquisa

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, que tem dentre outras finalidades, investigar a forma como pais e mães investem em seus filhos e ela se mostra relevante por existirem poucos estudos nessa área.

2. Participantes da pesquisa

Participarão da pesquisa aproximadamente 50 homens e 50 mulheres do Estado do Rio de Janeiro, que tenham pelo menos um filho de 0 a 6 anos e que sejam maiores de 18 anos.

3. Envolvimento na pesquisa

Ao participar deste estudo você deverá concordar em assinar este formulário de consentimento referente à sua participação no estudo. Posteriormente, deverá a pesquisadora ir a lhe aplicar um instrumento, o qual deverá responder, na medida do possível, sem limite de tempo pré-determinado.

Você tem a liberdade de recusar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para sua família. A qualquer momento você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa e se precisar poderá entrar em contato com a orientadora através dos telefones 2587-7284 ou 2587-7304 ou com a coordenadora pelos telefones 38992166 ou 97149086 ou então na UERJ-Rua São Francisco Xavier 524 – 10º andar-Sala 10004-Bloco F-Maracanã. Cep: 20559-900.

4. Riscos e desconfortos

A participação nesta pesquisa não oferece riscos a sua dignidade e de sua família, talvez, ela possa causar apenas um pequeno sentimento de timidez que algumas pessoas podem sentir diante de questionários.

5. Confidencialidade

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa serão identificados somente por códigos, e não com seu nome. Apenas a pesquisadora terá conhecimento dos dados, que não serão considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre garantindo o anonimato dos participantes.

6. Benefícios

Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa nos dê informações importantes sobre as formas de investimento de pais e mães no exercício da paternidade e maternidade. No futuro essas informações poderão ser usadas em benefício de outras famílias brasileiras e em projetos de promoção ou prevenção ligados à saúde, à educação e à área social.

7. Pagamento

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, e nada será pago por sua participação.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar, - Maracanã – Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 25693490.

Nome do participante

Local e Data

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Anexo IV

Categorias de respostas sobre Investimento.

- 1) Tempo - Abdicação, Abrir mão de muita coisa, Doação, Entrega, Dedicção, disponibilidade, tempo.
- 2) Dinheiro - Abrir uma poupança, Dinheiro, Finanças, Investimento financeiro, Gasto, Poupança, Recursos em geral.
- 3) Estar presente - Acompanhamento diário, Acompanhar o crescimento, Presença, Atenção, Boa convivência, Iteração.
- 4) Afeto - Afeto, amor, carinho, emoção, sentimentos.
- 5) Cuidados básicos - Alimentação, Conforto, Cuidado, Proteção, Saúde, Segurança, Vestuário.
- 6) Ser amigo - Amizade, Apoio, Companheirismo, Cumplicidade, Suporte, Confiança, Honestidade, Sinceridade.
- 7) Autonomia - Autonomia.
- 8) Socialização (Ensinaamentos) - Bom caminho, Conversa, Diálogo, Encaminhamento pelas dificuldades, Ensinar como as coisas devem ser, Ensinar o caminho certo, Ensinar os afazeres domésticos, Orientação, Socialização, Mostrar o mundo, Criação (princípios e valores), Passar virtudes, Exemplo.
- 9) Educação - Bom colégio, Bons cursos, Cuidar para fazer cursos, Educação, Escola, instrução, Observar os estudos, Vida profissional, Incentivos.
- 10) Solidariedade - Acrescentar algo para a sociedade, Solidariedade, Amor ao próximo.
- 11) Caráter - Bom comportamento, Caráter, Respeito.
- 12) Determinação - Não desistir, Otimismo, Determinação.
- 13) Compreensão - Compreensão, saber escutar a criança.
- 14) Esporte - Cuidar para que seja um atleta, Esporte.
- 15) Lar-família - Cumplicidade entre o casal, Estrutura familiar, Não brigar na frente da criança, Qualidade de vida dos pais, lar, Organização, Estabilidade, Condições de vida, Crescimento profissional dos pais.
- 16) Expectativa - Desafio, Expectativas, Futuro, Projeção, Fantasias, Resultado, retorno, faça pelos filhos o que os pais fizeram por ele.
- 17) Religião - Diretriz religiosa, Espiritual, Formação religiosa.

- 18) Disciplina - Disciplina, Limites, Repreender, Rigidez.
- 19) Entretenimento - Entretenimento, Lazer, Cultura.
- 20) Trabalho - Esforço, Sacrifício, Trabalho, Frustração, Preocupação, Responsabilidade, Dever.
- 21) Paciência - Paciência, Tolerância, Esperar, Bom senso, Flexibilidade, Ponderação.
- 22) Felicidade - Felicidade, Gratificação, Orgulho, Sucesso.
- 23) Troca - Humildade, Troca.
- 24) Paz - Paz, tranqüilidade.
- 25) Razão - Razão.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)